





ÍNDICE

LIVRO PRIMEIRO

1.
UM PRÍNCIPE MORIBUNDO
2.
A PÉROLA NO CORAÇÃO DO MUNDO
3.
NA ESTRADA ENCARNADA
4.
UM FUNERAL NO OÁSIS
5.
A PROMESSA DO
LADRÃO-DE-SONHOS

LIVRO SEGUNDO

1.
COMO UM LADRÃO PODE
INSTRUIR UM IMPERADOR
2.
NOS CONFINES NA
ORLA DO CORAÇÃO

3.

DA BELEZA QUE SE ENCONTRA
EM CAVERNAS PROFUNDAS

4.

A INTERVENÇÃO
DE UMA NAVEGADORA

5.

A TRISTEZA DE UMA
RAINHA QUE NÃO PODE REINAR

LIVRO TERCEIRO

1.

NA CORTE DA PÉROLA

2.

A DESTRUIÇÃO NA FORTALEZA

3.

FESTEJOS NO OÁSIS DA FLOR DE PRATA

4.

CERTOS ASSUNTOS
RESOLVIDOS EM QUARZHASAAT

5.

UM EPÍLOGO NO
MINGUAR DA LUA DE SANGUE

E quando Elric mentiu três vezes a Cymoril, sua prometida, e colocou o seu ambicioso primo Yyrkoon como Regente no Trono de Rubi de Melniboné, e quando se despediu de Rackhir, o Arqueiro Escarlate, partiu então para terras desconhecidas, em busca de saber que, acreditava, o ajudaria a governar Melniboné como nunca antes fora governada.

Mas Elric não contava com um destino que determinava já as lições e experiências que teriam em si profundo efeito. Antes mesmo de encontrar o capitão cego e o Barco Que Navega Nos Mares do Destino, encontraria a vida, a alma e o próprio idealismo em perigo.

Em Ufych-Sormeer, viu-se atrasado por um desentendimento entre quatro feiticeiros de outro mundo, que amável e inadvertidamente ameaçaram a destruição dos Reinos Jovens, antes de servirem o desígnio final do Equilíbrio; e em Filkhar, viveu uma relação amorosa da qual não voltaria a falar; aprendia, a custo, o poder e a dor de carregar a Espada Negra.

Mas foi na cidade do deserto de Quarzhasaat que se iniciou a aventura que ajudaria a traçar o rumo do seu fado em anos vindouros...



LIVRO PRIMEIRO

*Haverá um
louco com a intenção
De tornar os pesadelos algo são
E de esmagar demónios,
e ao Caos se sobrepor
De deixar o seu reino,
abandonar a sua prometida
E conduzido pelas
contrárias marés da vida,
Trocar o orgulho por dor?*

— A Crónica da Espada Negra

Foi na lúgubre Quarzhasaat, destino de muitas caravanas, mas objectivo de poucas, que Elric, Imperador hereditário de Melniboné, último de uma linhagem com mais de dez mil anos, outrora feiticeiro de vastos recursos, se preparou para a morte. As drogas e mezinhas que habitualmente o sustentavam tinham sido utilizadas nos últimos dias da sua longa jornada através do extremo sul do Deserto dos Suspiros e não tinha conseguido adquirir outras que as substituíssem nesta cidade fortificada, que era mais conhecida pela sua riqueza do que pela qualidade de vida.

O príncipe albino estendeu, fraca e lentamente, os dedos cor-de-osso à luz, trazendo fulgor à jóia sangrenta no Anel dos Reis, o último símbolo tradicional das suas antigas responsabilidades; depois deixou tombar a mão. Era como se, por breves momentos, tivesse esperado que o Actorios o reanimasse, mas a pedra era inútil enquanto lhe faltasse a energia para comandar os seus poderes. Ademais, aqui não tinha grande vontade de invocar demónios. A sua própria insensatez o tinha trazido até Quarzhasaat; não possuía qualquer direito de vingança contra os seus habitantes. Na verdade, seriam eles a ter motivo para o odiar, caso lhe descobrissem as origens.

O outrora, Quarzhasaat governara uma terra de rios e graciosos vales, com florestas verdejantes, e planícies ricas em colheitas abundantes, mas isso tinha sido antes da formulação de certos feitiços impensados numa guerra contra a ameaçadora Melniboné há mais de dois mil anos. O império de Quarzhasaat perdeu-se para ambos os lados. Foi invadido por uma vasta massa de areia que o varreu como uma maré, poupando apenas a capital e as suas tradições que, com o tempo, se tornaram na principal razão da sua continuada existência. Porque Quarzhasaat sempre persistira, devia agora ser mantida, assim acreditavam os seus habitantes, a qualquer custo, por toda a eternidade. Embora não possuísse qualquer

função ou propósito, ainda assim os seus senhores sentiam uma forte obrigação de prolongar a sua existência através de quaisquer meios que julgassem expeditos. Catorze vezes exércitos tentaram atravessar o Deserto dos Suspiros para saquear a fabulosa Quarzhasaat. Catorze vezes o próprio deserto os derrotou.

Entretanto, as principais obsessões da cidade (alguns diriam que a sua principal actividade) eram as elaboradas intrigas entre os governantes. Uma república, ainda que só de nome, e centro de um vasto império interior, se bem que totalmente coberto de areia, Quarzhasaat era governada pelo Conselho dos Sete, extravagantemente conhecido como Os Seis e Um Outro, que controlava a maior parte da riqueza da cidade e quase todos os seus assuntos. Outros, homens e mulheres poderosos, que preferiam não fazer parte desta septocracia, gozavam de influência considerável embora não ostentassem nenhum do aparato do poder. Uma destas pessoas, Elric tinha descoberto, era Narfis, Baronesa de Kuwai'r, que residia numa vivenda simples mas belíssima no extremo sul da cidade e dedicava muita atenção ao seu rival de má fama, o velho Duque Ral, mecenas dos melhores artistas de Quarzhasaat, cujo palácio nas colinas nortenhas tinha tanto de modesto como de encantador. Cada um dos dois, soubera Elric, fizera eleger três membros para o Conselho, enquanto o sétimo, sempre inominado e referido apenas como o Sexocrata (que governava os Seis), mantinha um equilíbrio, capaz de fazer pender cada votação num ou noutro sentido. A atenção do Sexocrata era a mais cobiçada pelos muitos rivais na cidade, incluindo a Baronesa Narfis e o Duque Ral.

Tão indiferente às rebuscadas intrigas de Quarzhasaat como às suas, era por mera curiosidade que Elric se encontrava ali, e pelo facto de Quarzhasaat ser o único ponto de abrigo numa vasta desolação que se estende a norte das montanhas sem nome que separam o Deserto dos Suspiros do Deserto dos Lamentos.

Mudando os ossos exaustos de posição sobre a palha fina da enxerga, Elric interrogou-se de forma sardónica se acabaria por ser ali enterrado, sem que as pessoas viessem a saber que o governante hereditário dos maiores inimigos da nação tinha morrido entre eles. Pensou se não seria esse, afinal, o destino que os seus deuses lhe tinham reservado: nada

de tão grandioso como tinha sonhado, mas não inteiramente desprovido de atractivos.

Quando abandonara Filkhar, à pressa e no meio de alguma confusão, tinha tomado o primeiro navio a sair de Raschil, e este trouxera-o a Jadmar, onde optara voluntariamente por confiar num velho bêbado ilmiorano que lhe tinha vendido um mapa com a mítica Tanelorn. Tal como o albino tinha suspeitado, o mapa revelou-se um logro, conduzindo-o para bem longe de qualquer construção humana. Chegou a pensar em atravessar as montanhas, de forma a dirigir-se a Karlaak pelo Deserto dos Lamentos, mas ao consultar o seu próprio mapa, de mais fiável elaboração melnibonesa, descobriu que Quarzhasaat se encontrava consideravelmente mais próxima. Cavalgando para norte numa montada meia-morta de calor e de fome, não encontrou mais do que leitos de rios secos e oásis exauridos, já que, com grande discernimento, escolhera atravessar o deserto num período de seca intensa. Não conseguira encontrar a Tanelorn de fábula e, ao que parecia, também não ia conseguir pôr os olhos numa outra cidade que, segundo as histórias do seu povo, era quase tão fabulosa.

Como era habitual, os cronistas melniboneses revelavam pouco mais do que um interesse passageiro pelos rivais derrotados, mas Elric recordava-se do que diziam sobre a feitiçaria de Quarzhasaat, que contribuía para a extinção da própria cidade enquanto ameaça para os seus inimigos semi-humanos: uma runa mal colocada, proferida por Fophean Dals, o Duque Feiticeiro, antepassado do actual Duque Ral, num feitiço destinado a inundar o exército melnibonês de areia e a erguer um baluarte em volta de toda a nação. Elric ainda não conseguira descobrir como explicavam este acidente em Quarzhasaat hoje em dia. Teriam criado mitos e lendas para racionalizar a má sorte da cidade como resultando unicamente do mal que emanava da Ilha dos Dragões?

Elric reflectiu sobre como a sua própria obsessão com os mitos o tinha deixado à beira da destruição inevitável.

— Na minha precipitação — murmurou, voltando pálidos olhos vermelhos de novo para o Actorios — demonstrei que possuo algo em comum com os antepassados desta gente.

A uns sessenta quilómetros do seu cavalo morto, Elric foi encontrado por um rapaz que procurava as jóias e artefactos

preciosos que por vezes eram deixados a descoberto pelas tempestades de areia que constantemente iam e vinham sobre esta parte do deserto, e que eram parcialmente responsáveis pela sobrevivência da cidade, bem como pela admirável altura das magníficas muralhas de Quarzhasaat. Eram também a razão do nome melancólico do deserto.

Em melhor estado de saúde, Elric teria apreciado a beleza monumental da cidade. Uma beleza derivada de uma estética refinada ao longo de séculos e que não revelava sinais de qualquer influência exterior. Embora muitos dos zigurates e palácios sinuosos fossem de proporções gigantescas, nada tinham de feio ou vulgar; possuíam uma elegância airosa, uma peculiar leveza de estilo que os fazia parecer, com os seus vermelhos de terracota e brilhante granito prateado, o seu estuque caiado, os seus azuis e verdes vivos, criados por magia a partir do próprio ar. Jardins luxuriantes preenchiam terraços maravilhosamente complexos, as fontes e cursos de água, oriundos de poços profundos, conferiam sons tranquilos e perfumes maravilhosos aos velhos passeios empedrados e avenidas largas ladeadas de árvores; e no entanto, toda esta água, que podia ser aproveitada para melhorar as colheitas, era usada para manter a aparência de Quarzhasaat tal como tinha sido no apogeu do seu poder imperial, e era mais preciosa do que jóias, sendo o seu uso racionado e o seu furto punido pelas mais severas leis.

Os aposentos de Elric eram tudo menos magníficos, consistindo como consistiam de um catre, lajes cobertas de palha, uma única janela alta, uma jarra de barro rústica e uma bacia com um pouco de água salobra que lhe tinha custado a sua última esmeralda. Não eram atribuídas licenças de água a estrangeiros e a única água de venda livre era o bem mais caro de Quarzhasaat. A água de Elric tinha, quase de certeza, sido roubada de uma fonte pública. As penas estatuídas para este tipo de furto eram raramente mencionadas, mesmo em privado.

Elric necessitava de ervas raras para sustentar o seu sangue deficiente, mas o seu preço, mesmo que se encontrassem disponíveis, seria muito superior aos meios de que dispunha naquele momento, reduzidos como estavam a umas poucas moedas de ouro, uma fortuna em Karlaak, mas praticamente sem valor numa cidade em que o ouro era tão vulgar, que se

utilizava para revestir os aquedutos e esgotos. As suas incursões pelas ruas tinham sido cansativas e deprimentes.

Uma vez por dia, o rapaz, que tinha encontrado Elric no deserto e o trouxera para este quarto, visitava o albino, olhando para ele como se fosse um insecto estranho ou um roedor apanhado numa armadilha. O rapaz chamava-se Anigh, e embora falasse a *lingua franca* derivada do melnibonês que se usava nos Reinos Jovens, tinha um sotaque tão cerrado, que por vezes era impossível compreender o que dizia.

Mais uma vez, Elric tentou erguer o braço, apenas para o deixar tombar. Nessa manhã, conformara-se finalmente com o facto de que jamais voltaria a ver Cymoril ou a sentar-se no Trono de Rubi. Sentia remorso, mas era de um tipo distante, porque a sua doença o deixava estranhamente eufórico.

— Tinha contado poder vender-te.

Elric espreitou, pestanejando, para as sombras do quarto no extremo distante de um solitário raio de sol. Reconheceu a voz, mas não conseguiu distinguir mais do que uma vaga silhueta junto da porta.

— Mas agora parece-me que não vou ter mais do que o teu cadáver e as posses que te restam para oferecer no mercado da próxima semana. — Era Anigh, quase tão abatido quanto Elric, com a possibilidade da morte do seu prémio. — É claro que continuas a ser uma raridade. Tens as feições dos nossos velhos inimigos, mas mais brancas do que osso, e olhos como eu nunca vi em ninguém.

— Lamento defraudar-te as expectativas. — Elric ergueu-se debilmente, apoiando-se no cotovelo. Tinha considerado uma imprudência revelar as suas origens, e por isso optara por se apresentar como um mercenário de Nadsokor, a Cidade dos Pedintes, que abrigava os mais bizarros habitantes.

— Depois pensei que podias ser um mago que me recompensasse com um contributo de saber arcano, que me pusesse a caminho de me tornar um homem rico, e talvez até um membro dos Seis. Ou um espírito do deserto que me pudesse conferir um poder mais prático. Mas parece que desperdicei as minhas águas. Não passas de um mercenário arruinado. Não te sobra mesmo nenhuma riqueza? Uma curiosidade qualquer que possa ter valor, por exemplo? — E os olhos do rapaz dirigiram-se a uma trouxa que, longa e elegante, permanecia encostada à parede, junto à cabeceira de Elric.

— Não é nenhum tesouro, rapaz — informou Elric com severidade. — Pode-se dizer que aquele que a possui carrega uma maldição impossível de exorcizar. — Sorriu ao imaginar o rapaz a tentar encontrar um comprador para a Espada Negra que, envolta numa sotaina esfarrapada de seda vermelha, soltava um murmúrio ocasional, como um velho senil a tentar recuperar o dom da fala.

— É uma arma, não é? — perguntou Anigh, as feições magras e bronzeadas fazendo com que os seus vivos olhos azuis parecessem ainda maiores.

— Sim — admitiu Elric. — Uma espada.

— Uma antiguidade? — O rapaz meteu a mão sob a *djellabah* castanha às riscas e coçou a crosta de uma ferida que tinha no ombro.

— É uma boa descrição. — Elric divertia-se, mas até esta breve conversa o deixava exausto.

— Muito antiga? — Agora Anigh deu um passo em frente, ficando completamente iluminado pelo raio de sol. Tinha o aspecto perfeito de uma criatura adaptada à sobrevivência entre as rochas morenas e as areias sombrias do Deserto dos Suspiros.

— Talvez uns dez mil anos. — Elric descobriu que a expressão de espanto do rapaz o ajudava a esquecer, por momentos, o seu destino quase certo. — Mas deve ter mais do que isso...

— Então é mesmo uma raridade! As raridades são muito apreciadas pelos senhores e pelas damas de Quarzhasaat. Há mesmo quem, dentre os próprios Seis, as coleccione. O ilustre Senhor de Unicht Shlur, por exemplo, tem as armaduras de um exército ilmiorano completo, e cada elemento exposto sobre os cadáveres mumificados dos soldados originais. E D. Talith possui uma colecção de instrumentos de guerra que se conta pelos muitos milhares, todos diferentes. Deixa-me que a leve, Senhor Mercenário, e eu encontro-lhe um comprador. Depois posso procurar as ervas de que necessitas.

— Altura em que ficarei suficientemente recuperado para me venderes, eh? — Elric sentia-se ainda mais divertido.

O rosto de Anigh tornou-se elaboradamente inocente.

— Oh, não, senhor. Nessa altura já estarás suficientemente forte para me resistires. Simplesmente receberei uma comissão sobre o teu primeiro contrato.

Elric sentia afeição pelo rapaz. Fez uma pausa, reunindo forças antes de prosseguir.

— Contas que eu desperte o interesse de um empregador, aqui, em Quazharsaat?

— Claro — Anigh sorriu. — Podias tornar-te guardacostas de um dos Seis, talvez, ou pelo menos um dos seus seguidores. A tua aparência invulgar torna-te imediatamente empregável! Já te contei como os nossos senhores são grandes rivais e intriguistas.

— É encorajador — Elric deteve-se para recuperar o fôlego — saber que posso contar com uma vida digna e de grande realização aqui em Quazharsaat. — Tentou olhar directamente para os olhos brilhantes de Anigh, mas a cabeça do rapaz afastou-se da luz do sol, de forma que apenas parte do seu corpo ficava exposta. — Porém, pelo que percebi, as ervas que te descrevi crescem apenas na distante Kwan, a dias daqui: no sopé dos Pilares Escarpados. Estarei morto antes que o melhor dos estafetas consiga chegar a meio caminho de Kwan. Tentas consolar-me, rapaz? Ou tens motivos menos nobres?

— Disse-te, senhor, onde crescem as ervas. Mas e se houvesse quem já tenha recolhido a colheita de Kwan e regressado?

— Tens conhecimento de um tal boticário? Mas quanto me cobraria por tão valiosos remédios? E porque não falaste disso antes?

— Porque antes não sabia. — Anigh sentou-se na frescura relativa da entrada. — Tenho feito perguntas desde a nossa última conversa. Sou um rapaz humilde, sua senhoria, não um erudito, e muito menos oráculo. E no entanto, sei banir a minha ignorância e substituí-la por conhecimento. Sou ignorante, bom senhor, mas não palerma.

— Partilho da mesma opinião a teu respeito, Mestre Anigh.

— Devo então levar a espada e encontrar um comprador?

— Regressou à luz, com a mão estendida para a trouxa.

Elric deixou-se cair para trás, abanando a cabeça e sorrindo ligeiramente.

— Também eu, jovem Anigh, sou senhor de uma grande ignorância. Mas ao contrário de ti, julgo que possa também ser palerma.

— O saber acarreta poder — disse Anigh. — E o poder

talvez me leve ao círculo pessoal da Baronesa Narfis. Podia tornar-me um capitão da sua guarda. Talvez mesmo um nobre!

— Oh, decerto que um dia serás mais do que qualquer deles. — Elric inspirou o ar bafiento, todo ele estremecendo com os pulmões inflamados. — Faz como quiseses, embora duvide que a espada vá de bom grado.

— Posso vê-la?

— Sim. — Com movimentos penosos e desajeitados, Elric inclinou-se sobre a borda da cama e desfez o embrulho que continha a enorme espada. Gravada com runas que pareciam bruxulear de forma incerta sobre a lâmina de metal negro e brilhante, decorada com arte antiga e elaborada, alguma de estilo misterioso, outra representando dragões e demónios entrelaçados como se em combate, a Tormentífera não era certamente uma arma mundana.

O rapaz sobressaltou-se e recuou, quase como se arrependido do negócio que tinha sugerido.

— Está viva?

Elric admirou a sua espada com um misto de repulsa e algo afim à sensualidade.

— Há quem diga que possui inteligência e vontade. Outros afirmam que é um demónio disfarçado. Alguns crêem-na feita das almas vestigiais de todos os mortais já condenados, presos no seu interior, tal como, nas lendas de outrora, se dizia que um dragão residia num punho distinto daquele que ela agora possui. — Para seu ténue desagrado, descobriu que tirava um certo prazer da consternação crescente do rapaz. — Nunca antes contempleste um artefacto do Caos, Mestre Anigh? Ou alguém que esteja preso a ele? Quiçá seu escravo? — Deixou que a longa mão branca mergulhasse na água suja, e ergueu-a para humedecer os lábios. Os olhos vermelhos cintilavam como brasas prestes a extinguir-se. — Nas minhas viagens, ouvi esta lâmina ser descrita como a espada de batalha do próprio Arioch, capaz de fender as paredes que separam os próprios Reinos. Outros, enquanto morrem nela espetados, acreditam tratar-se de uma criatura viva. Há uma teoria de que se trata apenas de um membro de uma grande raça que vive na nossa dimensão mas que é capaz, se assim o desejar, de invocar um milhão dos seus irmãos. Consegues ouvi-la a falar, Mestre Anigh? Será essa voz capaz de atrair e encantar os compradores de ocasião no teu mercado? — Um som nasceu-lhe dos lábios

pálidos, que não era bem uma gargalhada, mas continha em si um humor desolador.

Anigh recuou apressadamente de volta para a luz. Pigarreou.

— Deste nome à coisa?

— Chamei-lhe *Tormentífera*, mas as gentes dos Reinos Jovens por vezes servem-se de outro nome, tanto para mim como para a espada. O nome é *Ladrão-de-almas*. Já devorou muitas almas.

— És um ladrão-de-sonhos! — Os olhos de Anigh permaneceram cravados na espada. — Porque não estás empregado?

— Desconheço a expressão, e desconheço quem empregaria um 'ladrão-de-sonhos.' — Elric olhou para o rapaz, em busca de uma explicação.

Mas o olhar de Anigh não se separava da lâmina.

— Seria capaz de devorar a minha alma, mestre?

— Se eu assim o decidisse. Para recuperar a minha energia por momentos, bastaria deixar que a *Tormentífera* te matasse, e talvez outros quantos, para me transmitir essa energia. Então, sem dúvida, conseguiria encontrar uma montada e cavalgar para longe daqui, possivelmente para Kwan.

A voz da espada negra tornou-se agora mais harmoniosa, como se satisfeita pela proposta.

— Oh, Gamek Idianit! — Anigh levantou-se, pronto para fugir se necessário. — É como a história nos murais de Mass'aboon. É o que se dizia manejarem aqueles que nos impuseram o isolamento! Sim, os seus líderes serviam-se de espadas idênticas a esta. Os professores falam disso na escola. Eu estive lá. Ai, o que eles contavam! — E franziu as sobrancelhas com força, um exemplo claro de alguém que pretende realçar a moral dos benefícios de assistir às aulas.

Elric arrependeu-se de ter assustado o rapaz.

— Não estou disposto, jovem Anigh, a manter a minha vida à custa daqueles que nunca me fizeram qualquer mal. Em parte, essa é a razão porque me encontro em tão particulares dificuldades. Salvaste-me a vida, pequeno. Não te iria matar.

— Oh, mestre. Como sois perigoso! — No seu pânico, falou numa língua mais antiga do que o melnibonês, e Elric, que a tinha aprendido como auxiliar de estudo, reconheceu-a.

— Onde aprendeste essa língua, esse opiês? — Inquiriu o albino.

Mesmo aterrorizado, o rapaz ficou surpreso.

— Aqui em Quarzhasaat, chamam-lhe o calão da rua. O segredo dos ladrões. Mas suponho que seja suficientemente conhecida para se ouvir em Nadsokor.

— Sim, é verdade. Em Nadsokor, pois. — Elric estava mais uma vez intrigado por esta pequena reviravolta. Estendeu a mão para o rapaz, procurando tranquilizá-lo.

O gesto fez com que Anigh erguesse subitamente a cabeça, com um ruído esganado a nascer-lhe da garganta. Era claro que não depositava grande fé na tentativa de Elric lhe recuperar a confiança. Sem mais comentário, saiu do quarto, os pés descalços a patear pelo longo corredor abaixo e pelos degraus que levavam à rua estreita.

Convencido de que Anigh se fora embora de vez, Elric sentiu uma súbita pontada de pesar. Agora apenas lamentava uma coisa, que não voltaria a reencontrar Cymoril, nem regressaria a Melniboné para cumprir a sua promessa de casar com ela. Compreendeu que sempre sentira, como provavelmente continuaria a sentir, relutância em voltar a subir ao Trono de Rubi, e no entanto sabia que era seu dever fazê-lo. Teria escolhido deliberadamente este destino para si próprio, como forma de evitar essa responsabilidade?

Elric sabia que embora o sangue estivesse infectado pela sua estranha doença, era ainda o sangue dos seus antepassados, e não lhe teria sido fácil negar o seu património ou destino. Tinha esperado conseguir, através do seu governo, tornar Melniboné, do vestígio decadente, cruel e introvertido de um Império odiado, numa nação revigorada capaz de trazer paz e justiça ao mundo, de servir de exemplo de iluminismo que outros pudessem usar em seu próprio proveito.

Por uma oportunidade de regressar aos braços de Cymoril, trocava de bom grado a Espada Negra. Mas, no fundo, não tinha grandes esperanças de que isso alguma vez fosse possível. A Espada Negra era mais do que uma fonte de sustento, do que uma arma contra os inimigos. A Espada Negra vinculava-o às lealdades ancestrais da sua raça, ao Caos, e não era capaz de imaginar Lorde Arioch deixá-lo quebrar esse vínculo concreto de livre vontade. Quando considerava estes factos, estas sugestões de um destino transcendente, sentia uma confusão

crescer-lhe na cabeça, e por isso preferia ignorar as questões tanto quanto possível.

— Bem, talvez na loucura e na morte possa quebrar essa união e frustrar os velhos maus amigos de Melniboné.

O ar nos pulmões pareceu rarefazer-se e já não lhe ardia. Na realidade, sentia-o fresco. O sangue correu-lhe mais lentamente nas veias quando se tentou levantar e cambalear até à tosca mesa de madeira onde repousavam as suas parcas provisões. Mas só conseguiu ficar a olhar para o pão seco, o vinho avinagrado e as fatias encarquilhadas de carne seca sobre cujas origens era melhor nem sequer especular. Era incapaz de se levantar; não conseguia reunir vontade para se mexer. Tinha aceitado o facto da sua morte, se não com equanimidade, pelo menos com uma certa dignidade. Deixando-se cair em lânguido devaneio, recordou a sua decisão de abandonar Melniboné, a agitação da prima Cymoril, a satisfação secreta do ambicioso primo Yyrkoon, as afirmações proferidas perante Rackhir, o Sacerdote Guerreiro de Phum, que também buscava Tanelorn.

Elric interrogou-se sobre se Rackhir, o Arqueiro Escarlate, teria tido mais sucesso na sua demanda, ou se estaria prostrado noutra parte deste vasto deserto, com o seu traje escarlate reduzido a farrapos pelo vento que suspira eterno, e a carne a secar-lhe nos ossos. Elric desejou do fundo do coração que Rackhir tivesse sido bem sucedido na descoberta da cidade mítica e da paz que ela prometia. Depois apercebeu-se de que as saudades de Cymoril se tornavam ainda mais fortes, e teve a impressão de ter chorado.

Antes, tinha pensado recorrer a Ariocho, o Duque do Caos seu padroeiro, para que o salvasse, e, no entanto, tinha continuado a sentir grande relutância em ponderar sequer tal hipótese. Temia que, ao empregar novamente o auxílio de Ariocho, pudesse perder muito mais do que a vida. Cada vez que o poderoso ser sobrenatural concordava em socorrê-lo, reforçava ainda mais um acordo tão implícito quanto misterioso. Não que a questão fosse mais do que académica, reflectiu Elric ironicamente. Nos últimos tempos, Ariocho tinha demonstrado nítida relutância em acorrer em seu auxílio. Era possível que Yyrkoon o tivesse ultrapassado em todos os aspectos...

Tal ideia trouxe Elric de regresso à dor, à saudade de Cymoril. Mais uma vez, tentou erguer-se. A posição do sol

tinha-se alterado. Pensou ver Cymoril à sua frente. Transformou-se então numa manifestação de Arioeh. Estaria o Duque do Caos a brincar com ele, mesmo agora?

Elric desviou o olhar para contemplar a espada, que se parecia agitar no invólucro de seda desatado, sussurrando uma espécie de advertência, ou mesmo uma ameaça.

Elric voltou a cabeça.

— Cymoril? — Espreitou para o feixe de sol, seguindo-o com os olhos até acabar a espreitar pela janela para o intenso céu do deserto. Pensou agora ver vultos que se agitavam aí, sombras que tinham quase a forma de homens, de animais e de demónios. À medida que essas formas se tornavam mais nítidas, começaram a parecer-se com os seus amigos. Cymoril estava ali uma vez mais. Elric gemeu em desespero. — Meu amor!

Viu Rackhir, Dyvim Tvar, até Yyrkoon. Chamou por todos.

Ao som quebrado da sua própria voz, compreendeu que estava febril, que a energia que lhe restava se dissipava em fantasias, que o seu corpo se alimentava de si próprio e que a morte devia estar próxima.

Elric levou a mão à testa, sentindo o suor brotar em abundância. Interrogou-se sobre o preço que cada gotícula poderia alcançar no mercado. Achou engraçadas tais especulações. Conseguiria suar o suficiente para poder comprar mais água, ou pelo menos um pouco de vinho? Ou estaria esta mesma produção de líquido contra as bizarras leis da água de Quarzhasaat?

Voltou a olhar para lá da luz do sol, pensando aí ver homens, quiçá os guardas da cidade, que vinham inspeccionar as instalações e exigir-lhe que lhes mostrasse a sua licença para transpirar.

Parecia-lhe agora que o vento do deserto, que nunca andava muito distante, deslizava pelo quarto, trazendo consigo uma agregação de espíritos elementais, talvez mesmo um poder que lhe iria transportar a alma para o seu destino último. Sentiu alívio. Sorriu. Por vários aspectos, estava feliz por a sua luta ter terminado. Talvez Cymoril se lhe juntasse em breve?

Em breve? Que poderia significar o Tempo naquele Reino intemporal? Talvez devesse esperar uma Eternidade antes de voltarem a estar juntos? Ou um breve momento fugaz?

Ou jamais a voltaria a ver? Seria tudo o que o esperava uma ausência, um nada? Ou iria a sua alma penetrar num outro corpo, talvez tão doente como o actual, e ser confrontada de novo com os mesmos dilemas insolúveis, os mesmos terríveis desafios morais e intelectuais que o tinham atormentado desde o seu aparecimento na idade adulta?

Os pensamentos de Elric afastaram-se cada vez mais da lógica, como um rato a afogar-se que era arrastado para longe da costa, rodopiando de forma cada vez mais endiabrada até a morte lhe trazer o merecido olvido. Riu-se; chorou; arengou, e por vezes dormiu enquanto a vida se exauria nos vapores que agora emergiam da sua estranha carne, branca como osso. Qualquer espectador ignorante pensaria ver o aborto doentio de um animal qualquer, e de forma alguma um homem, caído nos estertores finais da agonia sobre aquela cama tosca.

Chegou a escuridão, e com ela uma panóplia brilhante de rostos do passado do albino. Viu uma vez mais os magos que o tinham educado em todas as artes da feitiçaria; viu a sua estranha mãe, que nunca conheceu, e o ainda mais estranho pai; os cruéis amigos de infância com os quais, pouco a pouco, deixou de conseguir suportar os voluptuosos e terríveis desportos de Melniboné; as cavernas e clareiras secretas da Ilha dos Dragões, as torres esguias e os palácios assombrosamente complicados dos seus habitantes inumanos, cujos antepassados eram só em parte deste mundo e que se tinham afirmado, como monstros deslumbrantes, para conquistar e governar, antes de, com profundo cansaço que ele agora podia apreciar melhor, mergulharem em auto-reflexão e fantasias mórbidas. E gritou, porque viu na sua mente o corpo de Cymoril tão degradado como o seu, enquanto Yyrkoon, rindo de horrível gozo, exercia sobre ele as mais indecorosas abominações. E nessa altura, uma vez mais, quis viver, regressar a Melniboné, para salvar a mulher que amava tão profundamente, que muitas vezes se recusava a estar consciente da intensidade de tal paixão. Mas não era capaz. Sabia, à medida que as visões se desvaneciam, e ele via apenas o azul-escuro do céu através da janela, que em breve estaria morto e não haveria ninguém para salvar a mulher com quem jurara casar.

Pela manhã, a febre tinha desaparecido, e Elric sabia que estava apenas a uma ou duas horas do fim. Abriu os olhos baços para ver o feixe de sol, agora suave e dourado, já não a entrar

directa e ofuscantemente como na véspera, mas reflectido das paredes cintilantes do palácio ao lado do qual o seu casebre fora construído.

Sentindo algo inesperadamente fresco nos lábios gretados, desviou a cabeça com brusquidão e tentou alcançar a espada, temendo que aço lhe estivesse a ser encostado, talvez para lhe cortar a garganta.

— Tormentífera...

A voz fraquejava-lhe e o braço estava demasiado fraco para se erguer, quanto mais para empunhar a espada murmurante. Tossiu e apercebeu-se de que gotas de líquido lhe estavam a ser administradas na boca. Não aquela porcária suja que tinha comprado com a esmeralda, mas algo fresco e puro. Bebeu, tentando a todo o custo focar a visão. Mesmo à sua frente estava um frasco decorativo em prata, uma suave mão dourada, um braço coberto por brocados requintadamente delicados, um rosto bem-humorado que não reconheceu. Voltou a tossir. O líquido era mais do que vulgar água. Teria o rapaz dado com um boticário compadecido? A poção era como um dos seus nutritivos destilados. Inspirou de forma grata e arrastada, e olhou com circumspecta curiosidade para o homem que o tinha ressuscitado, ainda que por momentos. Sorrindo, o seu salvador temporário mexia-se com estudada elegância nos seus mantos pesados e fora de estação.

— Bom dia para vós, Nobre Ladrão. Conto não vos estar a ofender. Deduzo que sois cidadão de Nadsokor, onde todo o tipo de furtos se pratica com orgulho?

Elric, consciente da delicadeza da situação, achou por bem não o desenganar. O príncipe albino anuiu lentamente. Ainda lhe doíam os ossos.

O homem alto e perfeitamente escanhoado aplicou uma rolha ao frasco.

— O rapaz, Anigh, informa-me que tendes uma espada para vender?

— Talvez. — Convicto agora de que a sua recuperação era meramente temporária, Elric prosseguiu com a máxima precaução. — Embora esteja em crer que é o tipo de compra que muitos se arrependeriam de fazer...

— Mas a vossa espada não é representativa do vosso principal ofício, eh? Sem dúvida que haveis perdido o cajado. Vendido a troco de água? — Uma expressão de cumplicidade.

Elric optou por lhe agradar. Atreveu-se a ter novamente esperança em continuar vivo. O líquido reanimara-o o suficiente para lhe recuperar a vivacidade de espírito, bem como parte da força habitual.

— Sim — disse, avaliando o seu visitante. — Talvez.

— Ai, sim? O quê? Propagandeais a vossa própria incompetência? São esses os costumes da Companhia dos Ladrões de Nadsokor? Sois um tratante de maior subtileza do que o vosso aspecto sugere, eh? — Este último foi proferido no mesmo calão que Anigh tinha utilizado na véspera.

Elric compreendia agora que este sujeito endinheirado tinha formado uma opinião sobre a sua importância e poder que, apesar de alheia à realidade, lhe poderia proporcionar uma forma de escapar do seu presente aperto. Elric ficou ainda mais alerta.

— Contrataríeis os meus serviços, é isso? A minha especial mestria? A minha e possivelmente a da minha espada?

O homem aparentou desinteresse.

— Se assim o quiserdes. — Mas era óbvio que procurava suprimir alguma urgência. — Fui encarregue de vos informar que a Lua de Sangue arderá em breve sobre a Tenda de Bronze.

— Compreendo. — Elric fingiu-se impressionado com o que para ele não passava de pura algaraviada sem nexo. — Presumo, portanto, que devamos agir com urgência.

— Assim crê o meu senhor. As palavras não têm qualquer significado para mim, mas têm-no para vós. Fui instruído para vos dar um segundo sorvo caso respondêsseis satisfatoriamente a tal conhecimento. Tomai. — E, sorrindo, agora mais abertamente, estendeu-lhe o frasco prateado, que Elric aceitou, bebendo frugalmente e sentindo-se recuperar ainda mais forças, enquanto as dores lhe desapareciam aos poucos.

— O vosso senhor contrataria um ladrão? Que deseja ele ver roubado, que os ladrões de Quarzhasaat não lhe pudessem obter?

— Aha, senhor, simulais agora um espírito sem imaginação no qual já não posso crer. — Tomou o frasco de volta. — Sou Raafi as-Keeme e sirvo um grande homem deste império. Tem, assim creio, uma missão para vós. Ouvimos falar muito da perícia nadsokoriana e há já algum tempo que guardamos a esperança de que um dos vossos pudesse um dia

passar por cá. Planeáveis roubar-nos? Ninguém o logrou até hoje. É melhor roubar *por* nós, penso eu.

— Sábio conselho, imagino. — Elric ergueu-se e pousou os pés no lajedo. Os efeitos do líquido começavam já a desvanecer-se. — Talvez queirais descrever-me a tarefa que tendes para mim? — Estendeu a mão para o frasco, mas este desapareceu na dobra da manga de Raafi as-Keeme.

— Com certeza, senhor — disse o visitante — logo que tenhamos discutido um pouco do vosso passado. Roubais mais do que meras jóias, diz o rapaz. Almas, é o que ouço dizer.

Elric sentiu-se alarmado e olhou desconfiado para o homem, cuja expressão permanecia impenetrável.

— Por assim dizer...

— Ótimo. O meu senhor deseja fazer uso dos vossos serviços. Se fordes bem sucedido, tereis uma pipa deste elixir para vos levar de volta aos Reinos Jovens, ou para onde for que desejeis ir.

— Ofereceis-me a minha própria vida, senhor — disse Elric devagar — e isso é algo por que não me disponho a pagar muito.

— Ah, cavalheiro, tendes veia de mercador, pelo que vejo. Estou certo de que chegaremos a um acordo satisfatório. Acompanhar-me-íeis, agora, a um certo local?

Sorrindo, Elric pegou na Tormentífera com ambas as mãos e lançou-se para trás sobre o catre, de ombros contra a parede e contra a fonte da luz solar. Colocando a espada sobre as coxas, acenou a mão numa paródia de hospitalidade cavalheiresca.

— Não preferiríeis quedar-vos e provar o que tenho para oferecer, Senhor Raafi as-Keeme?

O homem das vestes opulentas recusou deliberadamente com um aceno de cabeça.

— Penso que não. Decerto que vos acostumastes a este fedor, e ao fedor do vosso próprio corpo, mas asseguro-vos de que não é minimamente agradável para quem não está habituado a ele.

Elric riu-se, aceitando o comentário. Pôs-se de pé, fixando a bainha no cinturão e deslizando a espada rúnica murmurante no couro negro.

— Conduzi-me, então, cavalheiro. Devo confessar que estou curioso por descobrir que riscos tão consideráveis devo

correr, que fazem um dos vossos próprios ladrões recusar o tipo de recompensa que um dos lordes de Qurzhasaat pode oferecer.

E, na sua cabeça, chegara já a um acordo: que não permitiria que a sua vida lhe escapasse tão facilmente uma segunda vez. Decidiu que o devia, pelo menos, a Cymoril.

Num quarto que a cálida luz do sol atravessava, em feixes poeirentos, de uma grelha compacta no tecto ricamente ornamentado, num palácio chamado Ghoshasiz, cuja complexa arquitectura estava marcada por algo mais sinistro do que o decurso do tempo, Lorde Gho Fhaazi servia ao seu convidado mais sorvos do misterioso elixir e comida que, em Quarzhasaat, era pelo menos tão cara como as mobílias.

Depois de um banho, e envergando vestes frescas, Elric possuía outra vitalidade, os azuis e verdes escuros das vestes de seda fazendo realçar o branco da pele e do longo cabelo fino. A espada rúnica, embainhada, repousava de encontro ao braço esculpido da cadeira, e Elric mostrava-se pronto a desembainhá-la e usá-la, caso esta audiência se viesse a revelar uma armadilha elaborada.

Lorde Gho Faazi estava penteado e vestido muito à moda. O cabelo e a barba negros estavam entrançados em fiadas de anéis simétricos, os longos bigodes encerados e ponteados, as sobrancelhas grossas tingidas de louro sobre os olhos verde-pálidos e a pele embranquecida artificialmente, ao ponto de se assemelhar à do próprio Elric. Tinha os lábios pintados de vermelho vivo. Sentava-se no extremo oposto de uma longa mesa que se inclinava subtilmente na direcção do hóspede, de costas para a luz, de forma que quase parecia um magistrado a passar julgamento sobre um criminoso.

Elric reconheceu o artificialismo de tal disposição e não se deixou afectar. Lorde Gho era ainda relativamente jovem, no início dos trinta, e tinha uma voz agradável e um pouco aguda. Indicou, com os dedos rechonchudos, os pratos de figos e tâmaras em folhas de menta, e de gafanhotos em mel, que se dispunham entre ambos, estendeu o frasco prateado de elixir na direcção de Elric, numa demonstração grosseira de hospitalidade, com cada movimento denunciando o facto

de que desempenhava tarefas que normalmente reservava aos criados.

— Meu caro amigo. Mais. Beba mais. — Mostrava-se inseguro quanto a Elric, quase desconfiado, e cada vez se tornava mais claro ao albino que uma certa urgência pautava o assunto, que Lorde Gho ainda não tinha abordado, nem revelado através do mensageiro que enviara ao casebre. — Haverá porventura um prato favorito cuja confecção tenhamos negligenciado?

Elric levou o linho amarelo aos lábios.

— Estou-vos grato, Lorde Gho. Não comia tão bem desde que deixei as terras dos Reinos Jovens.

— Aha, bem certo. A comida é abundante por lá, ouço dizer.

— Tão abundante como diamantes em Quarzhasaat. Visitastes já os Reinos Jovens?

— Nós, de Quarzhasaat, não temos necessidade de viajar — Lorde Gho expressou alguma surpresa. — Que há, afinal, no estrangeiro que nós possamos desejar?

Elric considerou que o povo de Lorde Gho tinha muito em comum com o seu. Estendeu o braço para pegar noutro figo do prato mais próximo e, enquanto o mastigava lentamente, saboreando a sua doce suculência, olhou com franqueza para Lorde Gho. — Como tomastes então conhecimento de Nadsokor?

— Nós não viajamos... mas, obviamente, há viajantes que vêm até nós. Alguns tinham conduzido caravanas até Karlaak e outros destinos. Trazem-nos um escravo de vez em quando. E contam-nos as mentiras mais espantosas! — Riu-se de forma tolerante. — Mas há um grão de verdade, disso estou certo, naquilo que contam. Embora os ladrões-de-sonhos, por exemplo, sejam reservados e circunspectos quanto às suas origens, ouvimos dizer que todo o tipo de ladrões é bem-vindo em Nadsokor. Não é necessária muita inteligência para retirar as devidas ilações...

— Sobretudo quando se é abençoado com o mínimo de informação sobre outros povos e lugares. — Elric sorriu.

Lorde Gho Fhaazi não se apercebeu do sarcasmo do albino, ou talvez tenha preferido ignorá-lo.

— É Nadsokor a vossa terra natal, ou decidistes apenas adoptá-la como tal? — inquiriu.

— Quando muito, um lar transitório — respondeu Elric honestamente.

— Tendes traços superficiais comuns à gente de Melniboné, cuja cupidez nos trouxe à nossa actual situação — observou Lorde Gho. — Contareis, porventura, com sangue melnibonês entre os vossos antepassados?

— Não tenho qualquer dúvida quanto a isso. — Elric perguntou-se porque não tinha Lorde Gho retirado a conclusão mais óbvia. — Ainda se odeiam as gentes da Ilha dos Dragões pelo que fizeram?

— Quereis-vos referir ao ataque contra o nosso império? Creio que sim. Mas a Ilha dos Dragões já há muito se afundou sob as ondas, vítima da vingança da nossa feitizaria, e com ela o seu insignificante império. Porque haveríamos de dar tanta importância a uma raça desaparecida e que foi justamente punida pela sua infâmia?

— De facto. — Elric apercebeu-se de que Quarzhasaat tinha de tal forma sublimado a sua derrota, elaborando uma tão complexa justificação para a sua inércia que, nas suas lendas, relegara todo o povo ao esquecimento. Por isso, Elric não podia ser melnibonês, uma vez que Melniboné já não existia. Nesse aspecto, pelo menos, podia estar descansado. Ademais, era tanto o desinteresse que esta gente demonstrava pelo resto do mundo e seus povos, que Lorde Gho Fhaazi não sentia grande curiosidade pelo hóspede. Os quarzhasaatis já tinham determinado quem e o que era Elric, e estavam satisfeitos. O albino reflectiu amargamente sobre a capacidade que a mente humana tem de construir uma fantasia e a defender com toda a determinação, como se de realidade se tratasse.

O principal dilema de Elric era agora o facto de não ter a mínima noção sobre a profissão que acreditavam ser a sua, nem da tarefa que Lorde Gho pretendia ver executada.

O nobre quarzhasaati mergulhou os dedos numa taça de água perfumada e lavou a barba, deixando que o líquido caísse com grande alarde sobre os mosaicos geométricos do solo.

— Conta-me o criado que identificastes as referências — disse, limpando-se a uma toalha de gaze. Era mais uma vez manifesto que normalmente empregava escravos para tal tarefa, mas que tinha preferido comer a sós com Elric, talvez por temer que os seus segredos fossem escutados. — As palavras exactas da profecia são um pouco diferentes. Conheci-las?

— Não — respondeu Elric com franqueza imediata. Interrogou-se sobre o que poderia acontecer, caso Lorde Gho se apercebesse de que se encontrava ali a reбуço.

— Quando a Lua de Sangue incendiar a Tenda de Bronze, então o Caminho para a Pérola será aberto.

— Aha — exclamou Elric. — É isso mesmo.

— E os nómadas informam-nos de que a Lua de Sangue surgirá sobre as montanhas daqui a pouco menos de uma semana. E brilhará sobre as Águas da Pérola.

— Precisamente — comentou Elric.

— E o caminho para a Fortaleza será, portanto, revelado.

Elric acenou com um ar de gravidade, como que em confirmação.

— E alguém como vós, com um saber ao mesmo tempo sobrenatural e não sobrenatural, capaz de caminhar entre a realidade e a irrealidade, que conhece os caminhos entre o sonho e o despertar, pode penetrar as defesas, sobrepujar os guardiães e roubar a Pérola! — A voz de Lorde Gho era uma mistura ao mesmo tempo lasciva, venal e tremendamente excitada.

— Deveras — observou o Imperador de Melniboné.

Lorde Gho tomou a reticência de Elric por discrição.

— Roubaríeis a pérola para mim, Nobre Ladrão?

Elric pareceu ponderar a questão, antes de responder.

— Calculo que tal furto envolva um risco considerável?

— Com certeza. Com certeza. O nosso povo está convicto de que ninguém que não do vosso ofício seja capaz sequer de penetrar na Fortaleza, quanto mais chegar à Pérola!

— E onde fica essa Fortaleza da Pérola?

— Suponho que no Coração do Mundo.

Elric franziu as sobrancelhas.

— Ao fim e ao cabo — disse Lorde Gho com alguma impaciência — a jóia é conhecida como a Pérola no Coração do Mundo, ou não?

— Compreendo o vosso raciocínio — observou Elric, resistindo à tentação de coçar a cabeça. Em vez disso, considerou sorver mais do maravilhoso elixir, embora se estivesse a sentir cada vez mais apreensivo, quer pela conversa de Lorde Gho, quer pelo facto de o líquido lhe parecer tão delicioso. — Mas decerto que haverá outro indício...?

— Estava em crer que tais coisas eram da vossa esfera, Nobre Ladrão. Deveis, com certeza, deslocar-vos ao Oásis da Flor de Prata. Estamos na altura em que os nómadas realizam uma das suas congregações. O que é significativo, sem dúvida, tendo em conta a Lua de Sangue. O mais provável é que, no Oásis da Flor de Prata, o caminho se abra perante vós. Naturalmente, já ouvistes falar do Oásis.

— Infelizmente, não possuo qualquer mapa — informou-o Elric, de modo pouco convincente.

— Isso ser-vos-á fornecido. Nunca percorrestes a Estrada Encarnada?

— Tal como vos expliquei, sou um estranho no vosso império, Lorde Gho.

— Mas as vossas geografias e histórias certamente que se ocupam de nós!

— Desculpe, mas somos um pouco ignorantes, meu bom Lorde. Nós, dos Reinos Jovens, ao fim de tanto tempo sob a sombra da malvada Melniboné, não tivemos a oportunidade de descobrir os encantos do saber.

Lorde Gho ergueu as sobrancelhas pouco naturais.

— Sim — disse — não podia ser de outra maneira, claro. Bem, bem, Nobre Ladrão, fornecer-vos-emos um mapa. Mas é bastante simples seguir a Estrada Encarnada, já que vai de Quarzhasaat ao Oásis da Flor de Prata, e para lá dele ficam só as montanhas a que os nómadas chamam Pilares Escarpados. Carecem de interesse para vós, presumo. A menos que o Caminho da Pérola vos conduza por elas. É uma estrada mais misteriosa e, compreendereis, não figura em qualquer mapa convencional. Pelo menos, em nenhum que possuamos. E as nossas bibliotecas são as mais sofisticadas do mundo.

Elric estava tão determinado a aproveitar da melhor forma este adiamento da sua morte, que se mostrava disposto a prosseguir com aquela farsa até estar bem longe de Quarzhasaat, e a cavalgar de regresso aos Reinos Jovens.

— E um corcel, espero. Ceder-me-eis uma montada?

— A melhor. Necessitareis de resgatar o cajado? Ou o cajado não é mais do que um símbolo da vossa vocação?

— Posso arranjar outro.

Lorde Gho cofiou a sua peculiar barba com a mão.

— Como quiserdes, Nobre Ladrão.

Elric resolveu mudar de assunto.

— Não vos referistes com detalhe à natureza da minha gratificação. — Esvaziou a taça e Lorde Gho, desastradamente, voltou a enchê-la.

— Que pediríeis normalmente? — inquiriu o quarzhasaati.

— Bom, digamos que esta é uma missão pouco habitual. — Elric voltou a sentir-se tremendamente divertido com a situação. — Compreendereis que há bem poucos com a minha destreza ou, na verdade, a minha posição, mesmo nos Reinos Jovens, e ainda menos são os que passam por Quarzhasaat...

— Se me trouxerdes essa Pérola específica, Nobre Ladrão, receberéis toda a espécie de riqueza. A suficiente, pelo menos, para vos tornar num dos homens mais poderosos dos Reinos Jovens. Prover-vos-ia com a criadagem de uma casa nobre. Roupas, jóias, um palácio, escravos. Ou, caso preferísseis prosseguir com as vossas viagens, uma caravana que vos permitiria adquirir uma nação inteira nos Reinos Jovens. Poder-vos-íeis tornar príncipe, até mesmo rei!

— Uma perspectiva capitosa — observou o albino, sarcónico.

— Acrescentai-lhe tudo aquilo que já paguei, e que continuarei a pagar, e penso que cuidareis a recompensa verdadeiramente principesca.

— Sim. É sem dúvida, generosa. — Elric franziu a testa, correndo o olhar pela sala à volta, com todas as suas tapeçarias, os ricos encastrados de jóias, os mosaicos de pedras preciosas, as elaboradas cornijas e pilares ornamentais. Tencionava inflacionar o preço, pois parecia-lhe ser o que esperavam dele.

— Mas se faço ideia da importância que a Pérola tem para vós, Lorde Gho, aquilo que vos permitirá adquirir por cá, deveis admitir que o preço que me oferecis não é necessariamente alto.

Foi a vez de Lorde Gho Fhazi se mostrar divertido.

— A Pérola comprar-me-á um lugar no Conselho dos Seis, que não tardará a vagar. A Sétima Inominada nomeou a Pérola como o preço pretendido. Só por isso necessito dela com tal urgência. Já lhe foi prometida. Certamente vos apercebestes disso. Tenho rivais, mas nenhum capaz de oferecer tanto.

— E estes rivais, conhecem a vossa oferta?

— Sem dúvida que correm rumores. Mas advirto-vos de que deveis guardar silêncio sobre a natureza da vossa tarefa...

— Não receais que possa procurar melhor oferta noutra parte da cidade?

— Oh, outros há que vos ofereceriam mais, fosseis vós tão ganancioso e desleal. Mas não vos podem oferecer aquilo que vos ofereço eu, Nobre Ladrão. — E o Lorde Gho Fhazi deixou que a boca desenhasse um sorriso terrível.

— E porque não? — Elric sentiu-se subitamente encurralado, e o seu instinto foi de lançar mão da Tormentifera.

— Porque não o possuem. — Lorde Gho empurrou o frasco com o elixir na direcção do albino, e Elric ficou surpreso ao aperceber-se de que tinha já bebido outra taça. Voltou a encher o recipiente e bebeu, pensativo. Estava a compreender parte da verdade, e recebeu-a.

— Que pode ser tão raro como a Pérola? — O albino pousou a sua taça. Acreditava fazer ideia da resposta.

Lorde Gho olhava-o atentamente.

— Quer-me parecer que já compreendestes. — Lorde Gho sorriu uma vez mais.

— Sim. — Elric sentiu-se dominado pelo desânimo, e um *frisson* de terror profundo mesclado com fúria crescente. — O elixir, suponho...

— Oh, isso é relativamente fácil de produzir. Trata-se, claro está, de um veneno: uma droga que se alimenta daquele que a usa, conferindo-lhe apenas um ar de vitalidade. No final, não restará nada de que a droga se possa alimentar, e a morte daí resultante é quase sempre muito desagradável. Que pobres diabos faz essa substância de homens e mulheres que ainda uma semana antes se julgavam suficientemente poderosos para governar o mundo! — Lorde Gho começou a rir às gargalhadas, e os pequenos caracóis balançaram-lhe na barba e no cabelo. — E no entanto, mesmo ao morrer, suplicam e continuam a suplicar pela coisa que os matou. Não é irónico, Nobre Ladrão? *O que é tão raro como a Pérola?*, perguntastes. Bem, a resposta deve-vos ser por demais evidente, eh? A vida de uma pessoa, não é?

— Estou, portanto, a morrer. Porque vos deveria servir, então?

— Porque existe um antídoto, é claro. Algo que repõe

tudo aquilo de que a outra droga se apropria, que não provoca desejo naquele que o bebe, que devolve a saúde a quem o usa numa questão de dias e afasta a necessidade da droga original. Como podeis ver, Nobre Ladrão, a oferta que vos fiz não foi de modo algum vã. Posso fornecer-vos elixir suficiente para que possais cumprir a vossa missão e, conquanto regresseis em tempo útil, posso fornecer-vos o antídoto. E assim, tereis ganho bastante, não é?

Elric endireitou-se na cadeira, e pôs a mão no punho da Espada Negra.

— Já tinha informado o vosso mensageiro de que a vida para mim tem um valor limitado. Há coisas que tenho em maior apreço.

— Também me pareceu que sim — retorquiu Lorde Gho Fhaazi com cruel jovialidade — e respeito-vos pelos vossos princípios, Nobre Ladrão. Fazeis valer a vossa posição. Mas há outra vida a ter em conta, não há? A vida do vosso cúmplice?

— Não tenho cúmplices, senhor.

— Ah, não tendes? Não tendes, Nobre Ladrão? Faríeis o favor de me acompanhar?

Elric, apesar de não confiar no homem, não via qualquer razão para não o acompanhar quando avançou arrogante sob o enorme arco do salão. Presa à cintura, Tormentífera rosnou e agitou-se como um cão de caça desconfiado.

Os corredores do palácio, revestidos de mármore verde, castanho e amarelo para dar a impressão de uma floresta refrescante, perfumados com os mais extravagantes arbustos em flor, conduziram-nos ao longo de áreas de serviços, jaulas de animais, tanques de peixes e répteis, um harém e uma sala de armas, até que Lorde Gho se deteve frente a uma porta de madeira vigiada por dois soldados na pouca prática armadura barroca de Quarzhasaat, as próprias barbas oleadas e bifurcadas em formas tremendamente exageradas. Ambos apresentaram as suas alabardas gravadas quando Lorde Gho se aproximou.

— Abram isto — ordenou. Um dos soldados retirou uma chave do interior da couraça, introduzindo-a na fechadura.

A porta abriu para um pátio com uma fonte há muito defunta, um pequeno claustro e um conjunto de casamatas no extremo oposto.

— Onde estás? Onde estás, pequenino? Mostra-te! Vamos, rápido! — Lorde Gho estava impaciente.

Ouviu-se um entrechocar metálico e uma figura surgiu da entrada. Trazia uma peça de fruta numa das mãos, uma ou duas voltas de corrente na outra, e caminhava com dificuldade, porque os elos estavam ligados a uma faixa de metal presa por rebites em torno da cintura.

— Ah, mestre — disse, dirigindo-se a Elric — não me servistes como esperava.

O sorriso de Elric era amargo.

— Mas talvez te tenha servido como mereces, não, Anigh?
— A sua cólera era evidente. — Não te fiz prisioneiro, rapaz. Quer-me parecer que a escolha, no fundo, deve ter sido tua. Tentaste lidar com um poder que não conhece qualquer de-cência.

Lorde Gho não se deixou comover.

— Ele abordou o servo pessoal de Raafi as-Keeme — disse, olhando para o rapaz com algum interesse — e ofereceu-lhe os vossos serviços. Disse que agia na qualidade de vosso representante.

— Bom, e agia — concedeu Elric, com um sorriso agora mais condescendente, perante a evidente atrapalhação de Anigh. — Mas, decerto, tal não viola as vossas leis?

— Certamente que não. Aliás, o rapaz demonstrou bastante iniciativa.

— Então, porque está ele aqui preso?

— Por uma questão de conveniência. Compreendeis, Nobre Ladrão?

— Noutras circunstâncias, cheirar-me-ia a certa infâmia — disse Elric com alguma prudência. — Mas sei, Lorde Gho, que sois um nobre. Decerto que não manteríeis o rapaz prisioneiro como forma de me ameaçar. Não seria digno de vós.

— Espero poder considerar-me nobre, caro senhor. Porém, nos dias que correm, nem todos os nobres da cidade se regem pelos velhos códigos de honra. Não quando se joga por uma parada tão alta. Deveis compreendê-lo, apesar de não serdes, vós próprios, um nobre. Ou sequer, presumo, um cavalheiro.

— Em Nadsokor, assim me consideram — respondeu Elric discretamente.

— Oh, claro. Em Nadsokor. — Lorde Gho apontou para

Anigh, que sorriu hesitante para um e para outro, incapaz de acompanhar aquela troca de palavras. — E em Nadsokor, com certeza, manteriam um conveniente refém, se tivessem a oportunidade.

— Mas é de todo injusto, senhor. — A voz de Elric tremia-lhe de raiva, e tinha de se controlar para não levar a mão direita à Espada Negra que lhe pendia da anca esquerda. — Se for morto na prossecução do meu objectivo, o rapaz morre, exactamente como se me tivesse furtado a cumpri-la.

— Bem, sim, isso é bem verdade, caro ladrão. Mas a verdade é que conto que regresseis. Caso contrário... bem, o rapaz sempre me há-de ser útil, vivo ou morto.

Anigh já não sorria. Os seus olhos encheram-se lentamente do mais puro terror.

— Oh, senhores!

— Não lhe será feito qualquer mal. — Lorde Gho pôs uma mão fria e empoada nos ombros de Elric. — Porque vós regressareis com a Pérola no Coração do Mundo, não é verdade?

Elric respirou fundo, procurando controlar-se. Sentia necessidade de algo, no seu mais profundo íntimo, uma necessidade que não conseguia identificar de imediato. Seria sede de sangue? Queria desembainhar a Espada Negra e sugar a alma deste intriguista degenerado? Falou pausadamente.

— Meu senhor, se libertardes o rapaz, asseguro-vos o máximo dos meus esforços... Jurar-vos-ei...

— Bom Ladrão, Quarzhasaat está a abarrotar de homens e mulheres que dão as mais servis garantias e que, não tenho qualquer dúvida, são sinceros quando o fazem. Proferirão grandes e momentosas juras sobre tudo o que lhes é mais sagrado. E no entanto, mal se alterem as circunstâncias, esquecem-se dos seus compromissos. Daí que seja sempre bom ter uma garantia colateral, para os recordar das suas obrigações. Ao fim e ao cabo, como bem apreciareis, estamos a falar da mais alta parada imaginável. Na verdade, não há parada mais alta no mundo inteiro. Um lugar no Conselho. — A última frase foi enfatizada sem qualquer ironia. Era claro que Lorde Gho Fhaazi não conseguia discernir objectivo mais grandioso.

Enojado pela sofística do homem, e sentindo profundo desprezo pelo seu provincianismo, Elric voltou costas a Lorde Gho. Dirigiu-se ao rapaz.

— Como podes ver, Anigh, é triste a sorte daqueles que se aliam a mim. Bem te avisei. No entanto, esforçar-me-ei por regressar e te resgatar. — A frase seguinte foi proferida na língua dos ladrões. — Entretanto, não confies nesta criatura imunda e envida todos os esforços que se mostrem sensatos para te pões a salvo por tua própria conta.

— Nada de patoá de rua aqui! — guinchou Lorde Gho, subitamente alarmado — Ou morrerão ambos de imediato! — Era óbvio que não conhecia o calão, ao contrário do mensageiro.

— É melhor que não me ameaceis, Lorde Gho. — Elric voltou a pousar a mão no punho da espada.

O nobre riu-se.

— O quê? Tanta beligerância! Não entendestes ainda, Nobre Ladrão, que o elixir que bebestes já vos está a matar? Tendes apenas três semanas até que só o antídoto vos possa salvar! Porventura não sentis a devoradora necessidade da droga? Se um tal elixir fosse inofensivo, ora, todos o utilizaríamos para nos tornarmos deuses!

Elric não conseguia dizer se era a mente ou o corpo que sentia as torturas. Apercebeu-se que mesmo quando os instintos o impeliam a matar o nobre quazharsaati, o desejo da droga ameaçava dominá-lo por completo. Nem mesmo às portas da morte, quando as suas próprias drogas se esgotaram, sentira uma tal necessidade. Ali permaneceu, com o corpo a tremer-lhe de alto a baixo, enquanto procurou recuperar o controlo. A sua voz era gélida.

— Isto é mais do que uma simples infâmia, Lorde Gho. Felicito-vos. Sois homem da mais cruel e desagradável astúcia. São todos aqueles que servem no Conselho tão corruptos quanto vós?

Lorde Gho fez-se ainda mais amável.

— É indigno de vós, Nobre Ladrão. Não faço mais do que assegurar-me de que, por momentos, servireis os meus interesses. — Voltou a soltar um risinho contido. — Na verdade, o que fiz foi assegurar-me de que, por momentos, os vossos interesses são os meus. Que há de mal nisso? Não imaginaria próprio de um ladrão confesso insultar um nobre de Quazhasaat, só porque sabe como firmar bom negócio!

O ódio que Elric nutria pelo homem, de quem inicialmente se limitara a não gostar, ameaçava consumi-lo. Mas

deixou-se dominar por uma disposição mais fria, à medida que recuperava o controlo das suas emoções.

— Afirmais, portanto, que sou vosso escravo, Lorde Gho.

— Se assim o quiserdes entender. Pelo menos até me trazerdes a Pérola no Coração do Mundo.

— E se vos encontrar essa pérola, que garantias tenho de que me fornecereis o antídoto?

Lorde Gho encolheu os ombros.

— Isso cabe-vos a vós decidir. Para um estrangeiro, sois inteligente e, estou certo, sobrevivestes até hoje graças à vossa perspicácia. Mas não vos iludais. Esta poção é-me preparada especificamente, e não encontrareis receita idêntica em parte alguma. Pelo que é melhor cumprir o nosso acordo, Nobre Ladrão, e acabar por sair rico de Quarzhasat. E com o vosso amiguinho ainda inteiro.

O estado de espírito de Elric converteu-se numa disposição amarga. Tendo recuperado as forças, ainda que artificialmente, poderia semear um grau considerável de destruição sobre Lorde Gho, e mesmo, se assim o entendesse, por toda a cidade. Como que lhe lendo os pensamentos, a Tormentífera pareceu agitar-se de encontro à anca e Lorde Gho permitiu-se um vislumbre nervoso da grande espada rúnica.

Mas Elric não queria morrer, nem desejava a morte de Anigh. Decidiu esperar; fingir, pelo menos, servir Lorde Gho até descobrir mais sobre o homem e sobre as suas ambições e, se possível, sobre a composição da droga por que tanto ansiava. Era possível que o elixir não fosse fatal. O mais provável era ser uma poção comum em Quarzhasaat, e que muitos possuíssem o antídoto. Mas, tirando Anigh, não tinha amigos aqui, nem mesmo aliados que, seguindo os seus próprios interesses, se pudessem unir a ele, a fim de derrotar Lorde Gho enquanto inimigo comum.

— Talvez — disse Elric — não me interesse o destino do rapaz.

— Oh, creio ter avaliado bastante bem o vosso carácter, Nobre Ladrão. Sois como os nómadas. E os nómadas são como a gente dos Reinos Jovens. Atribuem valor anormal à vida daqueles com quem se associam. As lealdades sentimentais são o seu ponto fraco.

Elric não podia deixar de atentar na ironia de tudo aquilo, já que também os melnibonenses se consideravam acima de tais lealdades, e ele era dos poucos que se preocupavam com o que pudesse suceder aos que não fossem familiares mais chegados. Por essa razão estava ali. O destino, considerou, estava a dar-lhe umas estranhas lições. Suspirou. Esperava que essas lições não o matassem.

— Se algum mal tiver advindo ao rapaz quando eu regressar, Lorde Gho, se lhe acontecer a mais pequena coisa, sofrereis um destino mil vezes pior do que lhe tiverdes infligido. Ou, devo acrescentar, me infligirdes a mim! — Os seus olhos vermelhos, flamejantes, recaíram sobre o aristocrata. Parecia que o fogo do inferno lhe ardia no interior do crânio.

Lorde Gho estremeceu, e sorriu então para ocultar o receio.

— Não, não, não! — O sobrolho pouco natural toldou-se. — Não estais em posição de me ameaçar! Já vos expliquei as condições. Não estou habituado a isto, Nobre Ladrão, advirto-vos.

Elric soltou uma gargalhada, e as chamas do seu olhar não feneceram.

— Acostumar-vos-ei a tudo a que forçastes outros a habituarem-se, Lorde Gho. Aconteça o que acontecer. Percebeis-me? Este rapaz não sofrerá qualquer mal!

— Já vos disse...

— E eu vos preveni. — As pálpebras de Elric desceram sobre os seus olhos terríveis, como se fechasse a porta sobre um dos Reinos do Caos, mas mesmo assim Lorde Gho deu um passo atrás. A voz de Elric era agora um sussurro gélido. — Por todo o poder que a minha vontade comanda, vingarme-ei de vós. Nada poderá impedir tal vingança. Nem toda a vossa riqueza. Nem a própria morte.

Desta vez, Lorde Gho falhou ao tentar um sorriso.

Anigh sorriu inesperadamente, como a criança feliz que tinha sido antes destes acontecimentos. Era bem patente que acreditava nas palavras de Elric.

O príncipe albino avançou sobre Lorde Gho como um tigre esfomeado. Depois cambaleou um pouco e inspirou com força. O elixir estava nitidamente a perder eficácia, ou começava a exigir mais de si; era impossível dizer. Nunca antes tinha experimentado algo assim. Ansiou por mais uma golada.

Sentia dores de barriga e no peito, como se ratos o estivessem a mastigar do interior. Respirou com dificuldade.

Lorde Gho recuperou vestígios da sua anterior disposição.

— Recusai servir-me e a vossa morte será inevitável. Aconselhar-vos-ia mais educação, Nobre Ladrão.

Elric endireitou-se com uma réstia de dignidade.

— Tende isto sempre presente, Lorde Gho Fhaazi. Se trairdes qualquer parte do acordado, mantereirei a minha jura, e farei abater tamanha destruição sobre vós e sobre a vossa cidade, que lamentareis a hora em que ouvistes o meu nome. E só sabereis quem eu sou, Lorde Gho Fhaazi, na iminência da morte, com a vossa cidade e os seus habitantes degenerados a perecerem convosco.

O quazhasaati ia responder, mas conteve as palavras, limitando-se a dizer:

— Tendes três semanas.

Com as forças que ainda lhe restavam, Elric retirou Tromentífera da banha. O metal negro pulsava-lhe na mão, jorrando luz negra enquanto as runas gravadas na lâmina se contorciam e dançavam, e uma hedionda canção de expectativa começou a soar naquele pátio, ecoando pelas velhas torres e minaretes de Quazhasaat.

— Esta espada bebe almas, Lorde Gho. Podia beber a vossa agora mesmo, e dar-me mais força do que qualquer poção. Mas, de momento, tendes uma ligeira vantagem sobre mim. Acederei à vossa proposta. Mas se mentirdes...

— Eu não minto! — Lorde Gho tinha recuado até ao outro lado da fonte seca. — Não, Nobre Ladrão, eu não minto! Tereis de fazer como vos digo. Trazei-me a Pérola no Coração do Mundo e recompensar-vos-ei com toda a riqueza que vos prometi, com a vossa vida e a do rapaz!

A Espada Negra rosnou, inequivocamente exigindo a alma do nobre, naquele lugar e naquela altura.

Com um ganido, Anigh desapareceu no interior do quartinho.

— Partirei pela manhã. — Elric embainhou a espada com alguma relutância. — Deveis dizer-me por qual dos portões da cidade deverei sair, para percorrer a Estrada Encarnada até ao Oásis da Flor de Prata. E exijo um conselho honesto quanto à melhor forma de racionar o elixir envenenado.

— Vinde — Lorde Gho falou com ansiedade nervosa. — Há mais no salão. Está à vossa espera. Não tinha qualquer desejo de amargar o nosso encontro com maus modos...

Elric lambeu os beijos, que se tornavam já desagradavelmente secos. Deteve-se, olhando para a porta onde a cara do rapaz se podia ver à espreita.

— Vinde, Nobre Ladrão. — A mão de Lorde Gho voltou a pousar-se no braço de Elric. — No salão, mais elixir. Agora mesmo. Ansiáis por ele, não é verdade?

Falava a verdade, mas Elric deixou que o ódio controlasse a ânsia pela poção. Chamou:

— Anigh! Jovem Anigh!

Lentamente, o rapaz assomou-se à entrada.

— Sim, mestre.

— Juro-te que não sofrerás qualquer mal por via dos meus actos. E este degenerado imundo já compreendeu que, se te fizer qualquer mal durante a minha ausência, morrerá no mais horrível tormento. E no entanto, rapaz, recorda tudo o que te disse, pois não sei onde esta aventura me irá levar. — E Elric acrescentou no calão: — Talvez à morte.

— Ouço-vos bem — respondeu Anigh no mesmo dialecto. — Mas suplico-vos, mestre, que não morrais. Tenho um certo interesse em que continueis vivo.

— Basta! — Lorde Gho atravessou o pátio em grandes passadas, fazendo sinal a Elric para que o acompanhasse. — Vinde. Proporcionar-vos-ei tudo o que precisardes para encontrar a Fortaleza da Pérola.

— E eu ficar-vos-ia muito grato se não me deixásseis morrer. Seria um rapazinho muito agradecido, mestre — disse Anigh atrás deles, enquanto a porta se fechava.

E assim foi que, na manhã seguinte, Elric de Melniboné deixou a ancestral Quarzhasaat, sem saber o que buscava ou onde o encontrar; sabendo apenas que devia seguir a Estrada Encarnada até ao Oásis da Flor de Prata, e aí encontrar a Tenda de Bronze, onde descobriria como prosseguir na Senda da Pérola no Coração do Mundo. E caso falhasse nesta numinosa demanda, ali deixaria pelo menos a própria vida.

Lorde Gho Fhaazi não fornecera qualquer esclarecimento adicional, e era evidente que o ambicioso político não sabia mais do que aquilo que lhe tinha repetido.

— A Lua de Sangue deve incendiar a Tenda de Bronze para que o Caminho da Pérola seja revelado.

Sem saber nada das lendas ou da história de Quarzhasaat, e muito pouco da sua geografia, Elric resolvera seguir o mapa que lhe tinham fornecido. Era suficientemente simples. Mostrava uma trilha que se prolongava pelo menos cento e sessenta quilómetros entre Quarzhasaat e o Oásis da Flor de Prata. Para lá, ficavam os Pilares Escarpados, uma cadeia de pequenos montes. A Tenda de Bronze não era referida, nem havia qualquer referência à Pérola.

Lorde Gho acreditava que os nómadas estariam melhor informados, mas não fora capaz de garantir que estivessem dispostos a falar com Elric. Esperava que, logo que compreendessem quem ele era, e com algum do ouro de Lorde Gho para os tranquilizar, se mostrassem amistosos, mas não conhecia nada do interior do Deserto dos Suspiros, nem das suas gentes. Sabia apenas que Lorde Gho desprezava os nómadas, que considerava demasiado primitivos, e era com ressentimento que por vezes os admitia na cidade para negociar. Elric esperava que os nómadas fossem mais bem-educados do que aqueles que ainda acreditavam que todo o continente estava sob o seu domínio.

A Estrada Encarnada tinha um nome adequado, escura

como sangue meio-ressequido, sulcando o deserto entre bordos elevados, sugerindo ter sido outrora o rio nas margens do qual Quarzhasaat fora originalmente construída. De tantos em tantos quilómetros, as margens esbatiam-se para revelar o grande deserto, que se estendia em todas as direcções—um mar de dunas onduladas, que se agitavam sob a brisa cuja voz aqui era débil, mas ainda assim se assemelhava ao suspirar de um amante encarcerado.

O sol subiu lentamente no deslumbrante céu índigo, tão sereno como o cenário de uma peça de teatro, e Elric ficou grato pela vestimenta local que Raafi as-Keeme lhe cedera antes da partida, um hábito com capuz, calções e justilho brancos folgados, sapatos de linho branco até aos joelhos e uma viseira que lhe protegia os olhos. O seu cavalo, um animal encorpado e gracioso, capaz tanto de grandes velocidades como de grande resistência, estava igualmente vestido de linho, para o proteger quer do sol, quer da areia, que atravessava a paisagem carregada por brisas gentis mas constantes. Era visível o esforço feito para manter a Estrada Encarnada livre de muita da areia que os ventos acumulavam contra as bermas, transformando-as lentamente em autênticas paredes.

Elric não tinha perdido nenhum do ódio que nutria, não só pela sua situação, como pelo Lorde Gho Fhaazi; tal como não perdera a sua determinação de permanecer vivo e resgatar Anigh, regressar a Melniboné e reencontrar Cymoril. O elixir de Lorde Gho revelara-se causador de tanta dependência como aquele tinha afirmado, e Elric transportava dois frascos dele nos alforges. Estava agora verdadeiramente convencido de que o elixir o acabaria por matar, e que apenas Lorde Gho possuía um antídoto. Tal certeza reforçava a determinação de se vingar do nobre assim que a primeira oportunidade se apresentasse.

A Estrada Encarnada parecia interminável. O céu tremelicava de calor à medida que o sol subia ainda mais alto. E Elric, que sempre censurara o arrependimento inútil, deu por si a desejar nunca ter sido suficientemente néscio para comprar o mapa ao marinheiro ilmiorano, ou para se aventurar tão mal preparado em pleno deserto.

— Invocar agentes sobrenaturais para me socorrerem agora não seria mais do que acrescentar ao disparate — disse em voz alta para a vastidão do deserto. — E mais importante,

poderei vir a necessitar desse auxílio quando alcançar a Fortaleza da Pérola. — Sabia que a sua autocomiseração não o tinha levado apenas a cometer mais disparates, como ainda comandava as suas acções. Sem ela, os seus pensamentos teriam talvez sido mais claros, e Elric teria talvez antecipado a intrujice de Lorde Gho.

Mesmo agora duvidava dos instintos. Na última hora, calculara que estava a ser seguido, mas não vira ninguém atrás de si na Estrada Encarnada. Tinha caído no hábito de olhar repentinamente para trás, deter-se sem aviso, e recuar alguns metros. Mas, pelos vistos, estava tão sozinho agora como quando iniciara a viagem.

— Talvez aquele maldito elixir me perturbe também os sentidos — disse, acariciando o tecido empoeirado sobre o pescoço do cavalo. As amuradas da estrada desapareciam por ali, tornando-se pouco mais que montículos de areia de ambos os lados. Fez deter o cavalo com um puxão das rédeas, pois tinha-lhe parecido ver o movimento de algo mais do que areia ao vento. Pequenos vultos de pernas compridas corriam aqui e ali, erectos como outros tantos minúsculos homenzitos. Concentrou o olhar neles, mas já tinham desaparecido. Outras criaturas, maiores, deslocando-se muito mais devagar, pareciam arrastar-se quase à superfície da areia, enquanto uma nuvem de qualquer coisa negra pairava sobre elas, seguindo-as na sua lenta progressão pelo deserto.

Elric estava a descobrir que, pelo menos nesta parte do Deserto dos Suspiros, aquilo que parecia ser uma vastidão inóspita e sem vida, era tudo menos isso. Confiou que as grandes criaturas que tinha detectado não considerassem o homem presa digna de atenção.

Uma vez mais, teve a impressão de ter algo no seu encalço e, voltando-se repentinamente, pareceu-lhe entrever um relance de amarelo, talvez uma capa, mas tinha desaparecido numa curva ligeira para trás de si. Sentiu-se tentado a parar, a descansar uma hora ou duas antes de prosseguir, mas estava ansioso por chegar ao Oásis da Flor de Prata o quanto antes. Não tinha muito tempo para lograr o seu objectivo e regressar com a Pérola a Quarzhasaat.

Farejou o ar. A brisa trouxe consigo um novo odor. Não fosse a experiência, diria que alguém estava a queimar os restos da cozinha; era o mesmo fedor acre. Uma olhadela a meia-

distância permitiu-lhe discernir uma ténue pluma de fumo. Encontrar-se-iam nómadas tão perto de Quarzhasaat? Ficara com a impressão de que não lhes agradava aproximarem-se a menos de cem quilómetros da cidade, a não ser que tivessem um motivo específico para o fazer. E se alguém estabelecera ali um acampamento, porque não tinham erguido as tendas mais perto da estrada? Não o tinham advertido sobre a existência de bandidos, pelo que não temia qualquer ataque, mas estava ainda assim curioso, e prosseguiu viagem com alguma cautela.

As paredes de areia voltaram a erguer-se e bloquearam-lhe a vista sobre o deserto, mas o fedor da queima tornou-se cada vez mais forte até se tornar quase insuportável. Sentia que aquilo lhe entupia os pulmões. Os olhos começaram-lhe a chorar. Era um cheiro nauseabundo, quase como se estivessem a queimar cadáveres em putrefacção.

Uma vez mais, as paredes caíram um pouco até que conseguí ver por cima delas. A menos de dois quilómetros de distância, tanto quanto pôde avaliar, viu umas vinte plumas de fumo, mais escuras, enquanto outras nuvens zigzagueavam em volta. Começou a suspeitar que tinha encontrado uma tribo que mantinha os fogos de cozinha activos enquanto se deslocava numa qualquer espécie de carroça. Porém, era difícil imaginar que tipo de carroça conseguiria atravessar as dunas imensas. E mais uma vez se questionou porque não seguiam pela Estrada Encarnada.

Sentindo-se tentado a investigar, sabia tratar-se de loucura abandonar a estrada. Podia voltar a perder-se uma vez mais, e ficar em pior condição do que quando Anigh o encontrara há todos aqueles dias atrás, no outro extremo de Quarzhasaat.

Estava a ponto de desmontar para repousar uma hora, se não o corpo, pelo menos a mente e os olhos, quando a parede de areia mais próxima se começou a encurvar e a estremecer, e enormes fendas se abriram sobre ela. O terrível cheiro a queimado estava agora mais perto, obrigando-o a tossir para limpar a garganta, para se libertar daquele fedor, enquanto o cavalo começou a relinchar e se recusou a prosseguir quando Elric se serviu das rédeas.

De súbito, um bando de criaturas atravessou-se a correr no caminho, surgindo dos orifícios recém-abertos nas paredes. Eram as criaturas que Elric tomara por homenzinhos. Agora

que os podia ver de perto, apercebeu-se de que eram uma espécie qualquer de rato, porém um rato que corria sobre longas patas traseiras, com as patas dianteiras curtas e recolhidas contra o peito, face estreita e cinzenta cheia de dentinhos afiados, e enormes orelhas que o fazia parecer-se com uma criatura alada a tentar levantar voo.

Ouviu-se um grande ribombar e o som de algo que se quebrava. Fumo negro cegou Elric e o cavalo ergueu-se nas patas traseiras. Viu um vulto que surgia das margens destroçadas da estrada — um corpo maciço, cor de carne, que se deslocava sobre uma dúzia de patas, mandíbulas a estridular enquanto perseguia os ratos, que eram claramente as suas presas naturais. Elric deixou que o cavalo seguisse à vontade e olhou para trás de forma a conseguir uma perspectiva desimpedida de uma criatura que pensava ter existido apenas na antiguidade. Tinha lido sobre tais feras, mas julgava-as extintas há muito. Chamavam-se escaravelhos-de-fogo. Graças a um processo biológico qualquer, os gigantescos escaravelhos segregavam poças oleosas nas espessas carapaças. Estas poças, expostas ao sol ou às poças já inflamadas noutros dorsos, incendiar-se iam, de forma que, por vezes, eram vinte os pontos em chamas sobre as carapaças impenetráveis das criaturas, que só se podiam extinguir quando enterrados bem fundo na areia durante a época de acasalamento. Era o que Elric tinha visto ao longe.

Os escaravelhos-de-fogo andavam à caça.

Deslocavam-se agora a uma velocidade surpreendente. Pelo menos uma dúzia destes insectos gigantescos avançava sobre a estrada e Elric apercebeu-se, horrorizado, de que ele e o cavalo estavam prestes a ser apanhados num varrimento concebido para cercar os homens-rato. Sabia que os escaravelhos-de-fogo não faziam qualquer discriminação no que dizia respeito à carne, pelo que podia muito bem acabar comido por acidente por uma criatura que normalmente não incluía homens na dieta. O cavalo continuava a empinar-se e a resfolegar, e só colocou os quatro cascos no chão quando Elric o obrigou, desembainhando a Tormentífera, ao mesmo tempo que pensava que até a espada encantada seria inútil contra as carapaças de um cinzento rosáceo, das quais agora saltavam chamas. A Tormentífera obtinha escassa energia deste tipo de criaturas naturais. Apenas podia depositar esperanças em que um golpe mais feliz conseguisse abrir uma das carapaças,

talvez, permitindo-lhe romper pelo círculo que se apertava, antes que se fechasse completamente.

Fez a grande espada de combate descrever um arco descendente e decepcionou um apêndice que se agitava. O escaravelho mal se apercebeu, e não se deteve por um instante que fosse. Elric gritou, voltou a golpear com a espada, e chamas espalharam-se em todas as direcções. Óleo a ferver foi cuspidado no ar quando golpeou o dorso do escaravelho-de-fogo, sem que lhe conseguisse causar qualquer ferimento significativo. O relinchar do cavalo e o canto da espada misturavam-se num só, e Elric deu por si a gritar, enquanto voltava o cavalo numa e noutra direcção, em busca de uma saída, ao mesmo tempo que, por entre as patas do cavalo, os homens-rato debandavam aterrorizados, incapazes de escavar com facilidade o barro endurecido daquela estrada tão frequentada. O sangue salpicava as pernas e braços de Elric, o linho que cobria o cavalo até aos joelhos. Pequenas gotas de óleo a ferver incendiavam-se no tecido, queimando buracos. Os escaravelhos banquetevam-se, deslocando-se mais lentamente enquanto comiam. Não havia no círculo que formavam abertura suficientemente grande para permitir a fuga de cavalo e cavaleiro.

Elric ponderou conduzir o cavalo por sobre as costas dos grandes escaravelhos, embora lhe parecesse que as carapaças seriam demasiado escorregadias. Não havia outra hipótese. Estava prestes a lançar o cavalo em frente quando ouviu um zumbido peculiar à sua volta, viu o ar encher-se subitamente de moscas, e soube de imediato que estas eram os necrófagos que constantemente seguiam os escaravelhos-de-fogo, alimentando-se dos restos que estes deixassem para trás, bem como dos excrementos que espalhavam pelo caminho. Começavam agora a pousar sobre Elric e o cavalo, somando-se ao terror. Começou às sapatadas às moscas, mas estas formavam um manto espesso, rastejando sobre todo o corpo, o seu ruído ao mesmo tempo repugnante e ensurdecidor, e o seu número deixando-o praticamente cego.

O cavalo voltou a relinchar e tropeçou. Elric tentou desesperadamente ver em frente. As moscas e o fumo eram demasiado para ele e para o cavalo. Moscas enchiam-lhe a boca e as narinas. Engasgou-se, tentando-se libertar, cuspidando-as para onde os homens-rato guinchavam e morriam.

Um outro som chegou-lhe, indistinto, aos ouvidos, e as

moscas começaram milagrosamente a levantar voo. Por olhos encharcados em lágrimas, viu os escaravelhos começarem a deslocar-se como um só numa única direcção, abrindo um espaço pelo qual poderia escapar-se. Sem hesitação, lançou o cavalo em direcção à abertura, aspirando grandes golfadas de ar, ainda sem saber se tinha efectivamente escapado ou se apenas se tinha deslocado para um círculo mais amplo de escaravelhos-de-fogo, uma vez que o fumo e o ruído ainda o confundiam.

Cuspindo ainda algumas moscas, ajustou a viseira e sondou o caminho em frente. Os escaravelhos já não se viam, embora os pudesse ouvir atrás de si. Novos vultos agitavam-se no fumo e no pó.

Eram cavaleiros, avançando de ambos os lados da Estrada Encarnada, obrigando os escaravelhos a recuar com longas lanças, que enganchavam sob as carapaças e utilizavam como agulhões, não lhes infligindo qualquer mal, mas provocando-lhes dor suficiente para os instigar, algo em que a espada de Elric falhara por completo. Os cavaleiros envergavam largos mantos amarelos, que a brisa fazia esvoaçar como asas à sua volta, enquanto conduziam os escaravelhos de forma sistemática para longe da estrada e em direcção ao deserto, ao mesmo tempo que os homens-rato remanescentes, talvez gratos por esta inesperada salvação, se espalhavam e desapareciam por aberturas na areia.

Elric não embainhou a Tormentífera. Sabia bem que estes cavaleiros podiam tê-lo salvo por razões meramente incidentais, podendo mesmo acusá-lo de se ter intrometido no seu caminho. A outra possibilidade, ainda mais forte, era que estes homens o estavam a seguir há algum tempo e não queriam que os escaravelhos-de-fogo os despojassem da sua presa.

Então, um dos cavaleiros de amarelo separou-se do grupo e aproximou-se de Elric a galope, com a lança erguida num gesto de saudação.

— Agradeço-vos profundamente — disse o albino. — Salvastes-me a vida, senhor. Espero não vos ter causado grande perturbação à caçada.

O cavaleiro era mais alto do que Elric, muito magro, com um rosto escuro e emaciado, e olhos negros. Tinha a cabeça rapada e ambos os lábios decorados com o que pareciam ser minúsculas tatuagens, como se usasse uma fina máscara de

renda multicolorida sobre a boca. A lança não foi recolhida e Elric preparou-se para se defender, sabendo que as hipóteses, mesmo contra um tão grande número de seres humanos, eram maiores do que tinham sido contra os escaravelhos-de-fogo.

O homem franziu o sobrolho perante a afirmação de Elric, por momentos confundido. Depois, a sua expressão desanuviou-se.

— Não caçávamos os escaravelhos-de-fogo. Vimos o que estava a suceder e percebemos que não estáveis suficientemente informado para saber que devíeis sair da frente das criaturas. Viemos tão depressa quanto possível. Sou Manag Iss, da Seita Amarela, parente da Conselheira Iss. Pertenço aos Feiticeiros Aventureiros.

Elric já tinha ouvido falar destas seitas, que outrora tinham sido a principal casta guerreira de Quarzhasaat e grandemente responsáveis pelos feitiços que tinham inundado o império de areia. Tê-los-ia enviado Lorde Gho, não confiando completamente em si, para que o seguissem? Ou eram assassinos com instruções para o matar?

— Ainda assim, agradeço-vos, Manag Iss, pela intervenção. Devo-vos a vida. E sinto-me honrado por conhecer alguém da vossa seita. Sou Elric de Nadsokor, dos Reinos Jovens.

— Sim, ouvimos falar de vós. Vínhamos seguindo-vos, à espera de estarmos suficientemente afastados da cidade para falar convosco em segurança.

— Em segurança? Nenhum perigo vos advém da minha pessoa, Mestre Feiticeiro Aventureiro.

Manag Iss era claramente um homem que não sorria muito e, ao sorrir agora, era como se o rosto se contorcesse de forma estranha. Por trás deles, outros membros da seita davam início à cavalgada de regresso, recolhendo as longas lanças às bainhas fixas nas selas.

— Nunca pensei que adviesse, Mestre Elric. Vimos até vós em paz, e somos vossos amigos, se nos permitirdes. A minha familiar envia-vos saudações. É a esposa do Conselheiro Iss. Não obstante, Iss permanece nosso apelido. Todos temos tendência para casar com o mesmo sangue, no nosso clã.

— Prazer em conhecer-vos — Elric esperou que o homem acrescentasse algo.

Manag Iss acenou com a longa mão bronzada, cujas

unhas tinham sido removidas e substituídas por tatuagens como as da boca.

— Faríeis o favor de desmontar e conversar, já que vimos com mensagens e a oferta de presentes?

Elric voltou a enfiar a Tormentífera na bainha e passou a perna sobre a sela, deslizando para o pó da Estrada Encarnada. Ficou a ver os escaravelhos afastarem-se lentamente, aos solavancos, talvez em busca de mais homens-rato, enquanto os seus dorsos fumegantes lhe lembravam as fogueiras dos acampamentos de leprosos nos subúrbios de Jadmar.

— A minha familiar deseja que saibais que ela, tal como a Seita Amarela, está ao vosso dispor, Mestre Elric. Estamos preparados para vos prestar todo o auxílio de que necessitardes para encontrar a Pérola no Coração do Mundo.

Elric sentia agora um certo divertimento.

— Desculpe, mas encontro-me em desvantagem, Senhor Manag Iss. Viajais em demanda de um tesouro?

Manag Iss deixou que uma expressão de leve impaciência lhe atravessasse o rosto estranho.

— É sabido que o vosso patrono, Lorde Gho Fhaazi, prometeu a Pérola no Coração do Mundo à Sétima Inominada e que esta, por sua vez, lhe ofereceu o novo lugar no Conselho em sua troca. Descobrimos o suficiente para saber que só um ladrão excepcional poderia ter sido encarregue da tarefa. E Nadsokor é famosa pelos seus ladrões excepcionais. É uma tarefa em que, ficai sabendo, todos os Feiticeiros Aventureiros fracassaram. Ao longo dos séculos, membros de todas as seitas tentaram encontrar a Pérola no Coração do Mundo, sempre que a Lua de Sangue aparece. Aqueles poucos que sobreviveram para regressar a Quarzhasaat estavam completamente loucos e morreram pouco depois. Só recentemente é que tivemos acesso a algum saber e a provas de que a Pérola realmente existe. Sabemos, portanto, que sois um ladrão-de-sonhos, embora disfarceis a vossa profissão ao não transportardes o cajado, pois sabemos que apenas um ladrão-de-sonhos da maior perícia poderia chegar à Pérola e trazê-la de volta.

— Dizeis-me mais do que eu próprio sabia, Manag Iss — disse Elric com seriedade. — E é verdade que fui contratado por Lorde Gho Fhaazi. Mas sabeis também isto: é com relutância que embarco em tal viagem. — E Elric confiava o

suficiente nos seus instintos para confessar a Manag Iss o poder que Lorde Gho tinha sobre si.

Manag Iss acreditou plenamente. As pontas tatuadas dos seus dedos afloraram brevemente as tatuagens dos lábios enquanto ponderava esta nova informação.

— Esse elixir é bem conhecido dos Feiticeiros Aventureiros. Há milénios que o destilamos. É verdade que alimenta quem o utiliza com a sua própria substância. O antídoto é bastante mais difícil de preparar. Surpreende-me que Lorde Gho afirme possuí-lo. Só determinadas seitas dos Feiticeiros Aventureiros possuem pequenas quantidades. Se regressardes connosco a Quarzhasaat, estou certo que vos podemos administrar o antídoto no prazo máximo de um dia.

Elric ponderou cuidadosamente a oferta. Manag Iss estava ao serviço de um dos rivais de Lorde Gho. Isso fazia-o desconfiar de qualquer oferta, por mais generosa que parecesse. O Conselheiro Iss, ou D. Iss, ou quem quer que fosse que desejava colocar o seu próprio candidato no Conselho, estaria certamente disposto a não deixar que nada se intrometesse no caminho de tal objectivo. Tanto quanto Elric sabia, a oferta de Manag Iss poderia ser apenas um meio de o fazer abandonar a cautela, de forma a poder ser mais facilmente assassinado.

— Perdoar-me-eis se sou brusco — disse o albino — mas não tenho como confiar em vós, Manag Iss. Já sei que Quarzhasaat é uma cidade cujo principal passatempo é a intriga, e não tenho a mínima disposição para me envolver nesse jogo de golpes e contragolpes de que os vossos concidadãos parecem gostar tanto. Se o antídoto para o elixir existir, como dizeis, sentir-me-ia mais disposto a considerar a vossa proposta se, por exemplo, vos encontrásseis comigo no Oásis da Flor de Prata daqui a, digamos, seis dias. Tenho elixir que chegue para três semanas, que é o tempo que durará a Lua de Sangue, mais a viagem de e para a vossa cidade. Isso convencer-me-á do vosso altruísmo.

— Serei igualmente franco — disse Manag Iss, num tom frio. — Estou encarregue e obrigado pelos meus laços de sangue, pelo meu pacto da seita, e pela minha honra enquanto membro da nossa guilda sagrada. E estou encarregue de vos convencer, seja porque meio for, a desistir da vossa demanda ou a vender-nos a Pérola. Caso não abandoneis a

demanda, então concordarei em adquirir a Pérola a qualquer preço, salvo, é claro, um assento no Conselho. Assim, igualarei a oferta de Lorde Gho, e acrescentar-lhe-ei tudo aquilo que desejardes.

Elric falou com algum pesar.

— Não podeis igualar a sua oferta, Manag Iss. Há a questão do rapaz que ele não hesitará em matar.

— O rapaz é questão de somenos importância, presumo.

— Sim, sem dúvida, se considerarmos a grande ordem das coisas em Quarzhasaat. — Elric mostrou-se mais enfasiado.

Apercebendo-se de ter cometido um erro tático, Manag Iss apressou-se a acrescentar:

— Resgataremos o rapaz. Dizei-nos como o encontrar.

— Parece-me que me vou ater ao acordo inicial — concluiu Elric. — Penso não haver muito que distinga as ofertas.

— E se Lorde Gho fosse assassinado?

Elric encolheu os ombros e preparou-se para voltar a montar.

— Estou-vos grato pela intervenção, Manag Iss. Considerarei a vossa oferta durante a viagem. Como podeis compreender, tenho pouco tempo para encontrar a Fortaleza da Pérola.

— Mestre Ladrão, advirto-vos... — Manag Iss calou-se então. Olhou para lá de Elric, para a Estrada Encarnada. Podia ver-se uma tênue nuvem de pó. Dela surgiram formas indistintas, envergando vestes de um verde pálido, que esvoaçavam atrás de si enquanto cavalgavam. Manag Iss praguejou. Mas mantinha o seu peculiar sorriso enquanto os cavaleiros mais adiantados se aproximavam.

Os trajos dos cavaleiros não deixavam dúvidas a Elric de que eram também membros dos Feiticeiros Aventureiros. Também eles ostentavam tatuagens, mas sobre as pálpebras e nos pulsos, e os mantos encapelados, que lhes chegavam aos tornozelos, ostentavam uma flor bordada, enquanto o enfeite das mangas apresentava o mesmo desenho em miniatura. O líder dos recém-chegados saltou do cavalo e aproximou-se de Manag Iss. Era um homem baixo, bem-parecido e perfeitamente escanhado, salvo por uma barbicha oleada à moda de Quarzhasaat, e exageradamente pontiaguda. Ao contrário

dos membros da Seita Amarela, portava uma espada, sem bainha e fixa num simples arnês de couro. Fez um sinal que Manag Iss imitou.

— Saudações, Oled Alesham e que a paz esteja contigo. A Seita Amarela deseja os maiores sucessos à Seita da Dedaleira e está curiosa sobre os motivos que a levam a viajar até tão longe na Estrada Encarnada. — Tudo isto foi dito de forma rápida, uma mera formalidade. Decerto que Manag Iss sabia tão bem quanto Elric o que levava Oled Alesham e os seus homens a segui-los.

— Cavalgamos para oferecer protecção a este ladrão — esclareceu o líder da Seita da Dedaleira, inclinando a cabeça em saudação a Elric. — É um estranho na nossa terra, e oferecemos-lhe auxílio, como é nosso costume ancestral.

O próprio Elric sorriu abertamente perante isto.

— E estais vós, Mestre Oled Alesham, por algum acaso, ligado a algum membro dos Seis e Um Outro?

O sentido de humor de Oled Alesham era bem mais desenvolvido do que o de Manag Iss.

— Oh, estamos todos ligados a alguém em Quarzhasaat, Mestre Ladrão. Vamos a caminho do Oásis da Flor de Prata, e ocorreu-nos que podíeis precisar de assistência na vossa demanda.

— Ele não tem nenhuma demanda — cortou Manag Iss, arrependendo-se imediatamente da estupidez de tal mentira. — Isto é, nenhuma demanda, para além daquela que partilha com os seus amigos da Seita Amarela.

— Uma vez que a nossa lealdade para com a guilda nos impede de lutar, não vamos agora, espero, discutir sobre quem vai escoltar o nosso convidado até ao Oásis da Flor de Prata — disse Oled Olesham com um riso abafado. Estava tremendamente divertido com aquela situação. — Podemos, talvez, viajar todos juntos? E receber todos um pedacinho da Pérola?

— Não existe nenhuma Pérola — cortou Elric — e continuará a não existir, se me voltam a atrasar na viagem. Agradeço-vos, cavalheiros, pela preocupação, e desejo-vos a todos uma ótima tarde.

Isto causou alguma consternação entre as seitas rivais, e estavam a tentar decidir o que fazer, quando uma dúzia de cavaleiros vestidos de negro, cobertos por espessos véus e ca-

puzes, e com as espadas já desembainhadas, surgiu por cima do cascalho criado pelos escaravelhos-de-fogo.

Elric, prevendo que estes não lhe desejavam qualquer bem, afastou-se, ao que Manag Iss, Oled Alesham e os seus homens formaram um círculo à sua volta.

— Mais dos vossos, cavalheiros? — Perguntou, a mão já no punho da sua espada.

— São a Irmandade da Traça — disse Oled Alesham — e são assassinos. Não fazem mais do que matar, Mestre Ladrão. Faríeis melhor em confiar em nós. É evidente que alguém entendeu que devíeis ser morto antes mesmo de poderdes ver o nascer da Lua de Sangue.

— Ajudar-me-eis a defender-me? — inquiriu o albino, preparando-se para combater.

— Não podemos — retorquiu Manag Iss, e parecia verdadeiramente pesaroso. — Não podemos combater os vossos. Mas não nos matarão se vos rodearmos. É melhor que aceiteis a nossa oferta, Mestre Ladrão.

Nessa altura, a raiva impaciente, que era característica do seu sangue ancestral, dominou Elric e ele desembainhou a Tormentífera sem mais delongas.

— Estou farto destas negociaçõeszinhas — disse. — Peço-vos que vos afasteis de mim, Manag Iss, pois tenciono envolver-me em combate.

— São muitos! — Oled Alesham estava chocado. — Sereis massacrado. São assassinos exímios!

— Oh, também eu, Mestre Feiticeiro Aventureiro. Também eu! — E com isto, Elric lançou-se a galope através das linhas em sobressalto das Seitas Amarela e da Dedaleira, directamente de encontro ao líder da Irmandade da Traça.

A espada rúnica começou a uivar em uníssonos com o seu senhor, a cara branca refulgiu com a energia dos malditos e os olhos vermelhos arderam, e os Feiticeiros Aventureiros aperceberam-se pela primeira vez de que uma criatura extraordinária tinha surgido entre eles, e que a tinham subestimado.

A Tormentífera elevou-se na mão enluvada de Elric, com o metal negro a apanhar os raios do sol incandescente e a parecer absorvê-los. A lâmina negra caiu, como que por acaso, e desfez o crânio do líder da Irmandade da Traça, cortando-o até ao eterno, e uivou enquanto lhe absorveu a alma no ínfimo momento da morte. Elric voltou-se na sela, com a

espada dando voltas para enterrar o fio no flanco do assassino que cavalgava à sua esquerda. O homem gritou.

— Apanhou-me! Ah, não! — E também ele morreu.

Os outros cavaleiros encobertos estavam agora mais temerosos, rodeando o albino a uma distância segura enquanto delineavam a sua estratégia. Não lhes tinha ocorrido que viessem a precisar de uma, que bastaria perseguir um mero ladrão dos Reinos Jovens e destruí-lo. Restavam cinco dos cavaleiros negros. Gritavam pela ajuda dos companheiros da guilda, mas nem Manag Iss, nem Oled Alesham estavam dispostos a dar ordens aos seus próprios homens, que pudessem levar à morte demoníaca que já tinham testemunhado.

Elric não exibia tal prudência. Avançou a direito para o assassino mais próximo, que aparou o golpe com grande destreza e chegou mesmo a desferir um golpe, aproveitando-se de um descuido de Elric, antes de ter o braço decepado e cair da sela, com sangue a jorrar do coto. Com um novo movimento gracioso, em parte de Elric, em parte da espada, e também aquele homem teve a sua alma arrancada. Os outros recuavam agora para o meio das vestes amarelas e verdes dos seus irmãos. Tinham pânico nos olhos. Reconheciam feitiçaria, mesmo quando se tratava de algo mais poderoso do que alguma vez tinham previsto.

— Parem! Parem! — gritou Manag Iss. — Não é preciso que morram mais dos nossos! Estamos aqui para fazer uma proposta ao ladrão. Foi o velho Duque Ral quem vos enviou?

— O duque não quer mais intrigas em torno da Pérola — rosnou um dos homens velados. — Disse-nos que uma morte limpa seria a melhor solução. Mas, para nós, estas mortes não são nada limpas.

— Aqueles que nos encarregaram das nossas missões estabeleceram o modelo — disse Oled Alesham. — Ladrão! Mete a espada na bainha! Não queremos lutar contigo.

— Nisso, acredito. — Elric apresentava um aspecto sinistro. A sede de sangue ainda o dominava, e ele lutou para a controlar. — Acredito que desejais apenas a chacina sem luta. Sois loucos, todos vós. Já tinha avisado Lorde Gho disto. Tenho o poder de vos destruir. Tendes a felicidade de ter jurado não me servir de tal poder meramente para impor aos outros a satisfação egoísta dos meus fins. Mas não jurei deixar-me

morrer pelas mãos de carneiros a soldo! Ide! Regressai a Quarzhasaat!

Esta última frase foi quase gritada, e a espada ecoou-a quando Elric levantou a grande lâmina negra para o céu, advertindo-os do que se abateria sobre eles caso não obedecessem.

Manag Iss dirigiu-se calmamente a Elric:

— Não podemos, Mestre Ladrão. Não podemos fazer mais do que prosseguir com as nossas missões. É o costume da nossa guilda, de todos os Feiticeiros Aventureiros. Uma vez aceite uma missão, essa missão tem de ser cumprida. A morte é a única desculpa para o fracasso.

— Então, tenho de vos matar a todos — concluiu Elric com simplicidade. — Ou tendes de me matar a mim.

— Ainda podemos chegar ao acordo de que vos falei — disse Manag Iss. — Não vos estava a ludibriar, Mestre Ladrão.

— Também a minha proposta se mantém — acrescentou Oled Alesham.

— Mas a Irmandade da Traça jurou matar-me — observou Elric, quase divertido — e não me podeis defender dela. Nem, calculo, podeis fazer outra coisa que não prestar-lhes auxílio contra mim.

Manag Iss estava a tentar afastar-se dos assassinos de negro, mas era claro que estes não estavam dispostos a abdicar da segurança das fileiras da guilda.

Nessa altura, Oled Alesham murmurou qualquer coisa ao líder da Seita Amarela, que deixou Manag Iss pensativo. Anuiu com a cabeça, e fez sinal aos restantes membros da Irmandade da Traça. Reuniram-se em conferência por breves instantes, e depois Manag Iss ergueu a cabeça e dirigiu-se a Elric.

— Mestre Ladrão, encontrámos uma fórmula que vos deixará em paz e nos permitirá regressar com honra a Quarzhasaat. Se retirarmos agora, prometeis não nos seguir?

— Se tiver a vossa palavra em como não permitireis que esses Traças me voltem a atacar. — Elric estava mais calmo. Deixou que a espada rúnica cantarejante lhe repousasse no braço.

— Afastai as espadas, irmãos! — gritou Oled Alesham e os Traças obedeceram de imediato.

Logo de seguida, Elric embainhou a Tormentífera. A

energia profana, retirada daqueles que o pretendiam matar, preenchia-o agora, e ele podia sentir toda a velha sensibilidade ampliada da sua raça, toda a arrogância e todo o poder do seu sangue ancestral. Riu-se dos inimigos. — Não sabeis quem pretendíeis matar, cavaleiros?

Oled Alesham franziu um pouco o sobrolho.

— Começo a ter uma ligeira impressão das vossas origens, Mestre Ladrão. Diz-se que os senhores do Império Resplandecente se serviam outrora de espadas como a vossa, numa época antes desta. Numa época antes da história. Diz-se que essas espadas estão vivas, pertencentes a uma raça aliada da vossa. Tendes o aspecto dos nossos inimigos há muito desaparecidos. Quer isso dizer que Melniboné não se afundou?

— Deixo isso à vossa consideração, Mestre Oled Alesham. — Elric desconfiava que estavam a planejar um golpe qualquer, mas sentia-se quase desinteressado. — Se o vosso povo perdesse menos tempo a manter os seus mitos desvalorizados sobre si, e investisse algum no estudo do mundo tal como ele é, penso que a vossa cidade teria maior probabilidade de sobreviver. Da maneira que as coisas estão, está a cair aos pedaços sob o peso das suas ficções degradadas. Ao fim de algum tempo, até as lendas que conferem a um povo um sentimento de história e orgulho apodrecem. Se um dia Melniboné se afundar, Mestre Feiticeiro Aventureiro, será como Quarzassat se afunda agora...

— Não nos preocupamos com questões de filosofia — disse Manag Iss com evidente mau humor. — Não contestamos as razões ou as ideias daqueles que nos empregam. Assim está escrito nos nossos estatutos.

— E por isso deve ser obedecido! — Elric sorriu. — Assim celebrais a vossa decadência e resistis à realidade.

— Ide-vos já — disse Oled Alesham. — Não vos cabe instruir-nos em questões de moral, nem nos cabe a nós ficar a ouvir. Há muito deixámos para trás os nossos dias de estudantes.

Elric aceitou esta suave reprimenda e, uma vez mais, voltou o cavalo cansado na direcção do Oásis da Flor de Prata. Não olhou uma única vez para trás, para os Feiticeiros Aventureiros, mas calculou que estivessem imersos, mais do que nunca, em profunda discussão. Começou a assobiar, à medida que a Estrada Encarnada se estendia pela frente e a energia

roubada aos inimigos o inundava de euforia. Os seus pensamentos estavam com Cymoril e no regresso a Melniboné, onde esperava garantir a sobrevivência da nação, implementando nela as mesmas mudanças de que tinha falado aos Feiticeiros Aventureiros. Naquele momento, o seu objectivo parecia mais próximo, e o seu espírito mais claro do que tinha estado nos últimos meses.

A noite pareceu chegar rapidamente, e com ela uma rápida descida de temperatura que deixou o albino a tremelicar e o despojou de alguma da sua boa disposição. Retirou túnicas mais pesadas dos alforges e vestiu-as enquanto prendia o cavalo e se preparava para acender uma fogueira. O elixir do qual dependia não tinha sido tocado desde o encontro com os Feiticeiros Aventureiros, e ele começava a perceber um pouco melhor a natureza da poção. A vontade de beber tinha-se esbatido, embora continuasse consciente dela, mas agora tinha esperanças de se poder libertar da dependência sem necessitar de mais negociações com Lorde Gho.

— Tudo o que preciso de fazer — disse para consigo, enquanto comia com moderação da comida que lhe tinha sido fornecida — é garantir que sou atacado pelo menos uma vez por dia por membros da Irmandade da Traça... — E com isso arrumou os figos e o pão, embrulhou-se na capa e preparou-se para dormir.

Os seus sonhos foram formais e familiares. Estava em Imrryr, na Cidade dos Sonhos, e Cymoril estava sentada a seu lado, enquanto ele se recostava no Trono de Rubi, admirando a corte. E no entanto, aquela não era a corte que os Imperadores de Melniboné tinham mantido no seu reinado de milhares de anos. Aquela era uma corte à qual tinham ocorrido homens e mulheres de todas as nações, de cada um dos Reinos Jovens, de Elwher e do Leste Sem Mapa, de Phum, e até de Quazhasaat. Aqui trocavam-se informações e filosofia, juntamente com todo o tipo de bens. Era uma corte cujas energias não se dedicavam a mantê-la inalterada para sempre, mas a todo o tipo de ideias novas e debates, vivos e humanos, uma corte que acolhia pensamento moderno, não como uma ameaça à sua existência, mas como algo verdadeiramente necessário ao seu bem-estar continuado, uma corte cuja riqueza era dedicada à experimentação nas artes e nas ciências, a ajudar os necessitados, a auxiliar pensadores e académicos. O brilho do Império

Resplandecente não mais viria do ardor da putrefacção, mas da luz da razão e da boa-vontade.

Este era o sonho de Elric, mais coerente agora do que alguma vez o tinha sido. Este era o seu sonho e a razão por que percorria o mundo, a razão por que recusava o poder que era seu, por que arriscava a vida, a sanidade mental, o amor e tudo o mais a que dava valor, pois acreditava que não valia a pena viver sem correr riscos em busca do saber e da justiça. E esta era a razão pela qual os seus conterrâneos o temiam. A justiça, acreditava, não se fazia por aplicação mas por experiência. Era preciso saber o que significava a humilhação e a impotência; pelo menos até certo ponto, antes de se poder apreciar devidamente o seu efeito. Era preciso abdicar do poder, se se queria alcançar verdadeira justiça. Esta não era a lógica do Império, mas a lógica de quem realmente amava o mundo e desejava ver o amanhecer de uma era em que todos seriam livres de perseguir as suas ambições com dignidade e amor-próprio.

— Ah, Elric — disse Yyrkoon, arrastando-se como uma serpente de detrás do Trono de Rubi — sois inimigo da vossa própria raça, inimigo dos seus deuses e inimigo de tudo o que adoro e desejo. Por isso deveis ser destruído, e por isso devo possuir tudo o que é vosso. Tudo...

Com isso, Elric despertou. Tinha a pele húmida e fria. Levou a mão à espada. Tinha sonhado com Yyrkoon como uma serpente, e agora tinha a certeza de poder ouvir algo a arrastar-se sobre a areia, não muito longe de si. O cavalo apanhou-lhe o cheiro e roncou, mostrando uma agitação crescente. Elric levantou-se, deixando a capa cair. O bafo do cavalo fumegava no ar frio. A lua nas alturas imprimia um ténue brilho azulado ao deserto.

O arrastar aproximou-se. Elric espreitou para os taludes altos da estrada, mas não conseguiu ver nada. Tinha a certeza de que os escaravelhos-de-fogo não tinham regressado. E o que ouviu a seguir confirmou-lhe essa certeza. Era um intenso jorro de bafo fétido, o som de algo que se precipita, quase um guincho, e apercebeu-se de que um qualquer animal enorme estava nas proximidades.

Elric apercebeu-se também de que a criatura não pertencia àquele deserto, nem sequer àquele mundo. Conseguia sentir o fedor de algo sobrenatural, algo que tinha sido chamado dos

fossos do Inferno, invocado para servir os seus inimigos, e apercebeu-se subitamente porque tinham os Feiticeiros Aventureiros suspenso o ataque tão prontamente, e o que tinham planeado quando o deixaram partir.

Amaldiçoando a sua própria euforia, Elric desembainhou a Tormentífera e recuou para as trevas, afastando-se do cavalo.

O rugido veio de detrás dele. Rodopiou, e lá estava!

Era uma criatura enorme, de aspecto felino, embora o corpo se assemelhasse ao de um babuíno com uma cauda arqueada e espinhos ao longo do dorso. Tinha as garras estendidas e ergueu-se sobre as patas traseiras, preparando-se para apanhar Elric enquanto ele gritava e saltava para o lado, desferindo um golpe com a espada. A criatura tremeluzia com cores e luzes peculiares, como se não pertencesse inteiramente ao mundo material. Elric não tinha qualquer dúvida quanto à sua origem. Criaturas semelhantes tinham sido invocadas mais do que uma vez pelos feiticeiros de Melniboné, para os auxiliarem contra aqueles que pretendiam destruir. Vasculhou a memória em busca de um feitiço, algo que pudesse devolver a criatura às regiões de onde tinha sido invocada, mas já passara muito tempo desde que praticara feitiçaria pela última vez.

A criatura já lhe tinha apanhado o cheiro e perseguia-o, enquanto ele lhe fugia rapidamente e de forma errática através do deserto, tentando distanciar-se o mais possível.

O animal bramiu. Ansiava por mais do que a carne de Elric. Quem o tinha invocado, tinha-lhe prometido pelo menos a sua alma. Era a recompensa habitual para aquele género de criatura sobrenatural. Sentiu as garras zunirem pelo ar atrás de si, quando a criatura mais uma vez o procurou agarrar, e voltou-se, desferindo um corte nas patas da frente do monstro. A Tormentífera apanhou a almofada de uma das patas, arrancando algo semelhante a sangue. Elric sentiu que uma onda de energia enjoativa se derramava sobre ele. Desta vez, desferiu uma estocada e o monstro guinchou, escancarando uma bocarra vermelha onde brilhavam dentes da cor do arco-íris.

— Por Arioch — exclamou Elric — és um bicho bem feio. É quase uma obrigação mandar-te de volta ao Inferno... — E a Tormentífera voltou a saltar, atacando a pata já ferida. Mas desta vez, a criatura esquivou-se e preparou-se para um salto ao qual Elric sabia ter poucas hipóteses de sobreviver. Uma

criatura sobrenatural não era tão facilmente abatida como os guerreiros da Irmandade da Traça.

Foi nessa altura que ouviu um grito e, voltando-se, se deparou com uma aparição que se deslocava em sua direcção ao luar. Tinha forma humana, montando um animal estranhamente corcovado que galopava mais depressa do que qualquer cavalo.

A criatura felina deteve-se, hesitante, e voltou-se, sibilando e rosnando, para lidar com esta distracção, antes de acabar com o albino.

Apercebendo-se de que não se tratava de uma nova ameaça, mas de um viajante que tentava acorrer em seu auxílio, Elric gritou:

— É melhor que vos salveis, senhor. É uma criatura sobrenatural, que não se mata facilmente pelos métodos habituais!

A voz que lhe respondeu era profunda e vibrante, cheia de boa disposição.

— Estou bem ciente disso, senhor, e ficar-vos-ia grato se lidásseis com ela enquanto lhe chamo a atenção. — Após o que o cavaleiro deu a volta à estranha montada e começou a andar a trote lento na direcção oposta. A criatura sobrenatural, porém, não se deixou enganar. Era óbvio que quem a tinha invocado a instruíra quanto à sua presa. Farejou o ar, procurando Elric uma vez mais.

O albino estava atrás de uma duna, recuperando forças. Tinha-se recordado de um feitiço menor que, com a energia adicional que já tinha obtido do demónio, poderia usar. Começou a cantar na língua antiga, bela e musical a que chamavam idioma-mor de Melniboné e, ao fazê-lo, pegou numa mão-cheia de areia que passou pelo ar com movimentos estranhos e graciosos. Gradualmente, dos grãos de areia das dunas, começou a erguer-se uma espiral de areia, assobiando à medida que girava mais e mais depressa à luz daquele luar estranhamente colorido.

O monstro-gato rosnou e lançou-se em frente. Mas Elric manteve-se firme entre a criatura e a espiral turbilhonante. Então, no último instante, desviou-se para o lado. A voz da espiral ficou mais alta. Não era mais do que um simples truque que se ensinava aos jovens feiticeiros para os encorajar, mas teve o efeito de cegar o monstro o tempo necessário para que Elric

carregasse sobre ele e, com a espada nas mãos, mergulhasse entre as patas dianteiras e enterrar a lâmina bem fundo nas partes vitais da besta.

A energia começou a verter imediatamente para a lâmina, e da lâmina para Elric. O albino gritou e uivou enquanto a substância o preenchia. A energia demoníaca não lhe era desconhecida, mas ameaçava transformá-lo também em demónio, pois era praticamente impossível de controlar.

— Aah! É muito. Muito! — Contorceu-se em agonia, enquanto a essência vital demoníaca fluía para si, e a criatura felina rugia e morria.

Terminou então, e Elric caiu ofegante sobre a areia enquanto o cadáver do monstro se dissolvia gradualmente no nada, regressando ao reino de onde tinha sido invocado. Por breves segundos, Elric quis seguir a criatura até às suas regiões de origem, pois a energia furtada ameaçava transbordar-lhe do corpo, abrindo-lhe caminho do sangue e dos ossos; mas hábitos arreigados lutaram por conter a volúpia, até finalmente ter recuperado as rédeas da sua vontade. Começou a levantar-se lentamente do chão, apenas para se aperceber do som de cascos que se aproximavam.

Voltou-se, com a espada pronta, mas viu que era o viajante que há pouco o procurara assistir. A Tormentífera não se deixou sensibilizar e agitou-se-lhe na mão, tão preparada para tomar a alma deste aliado como estivera para tomar as dos inimigos de Elric.

— Não! — O albino empurrou a espada de volta para a bainha. Sentia-se praticamente doente com a energia sugada do demónio, mas obrigou-se a uma vénia solene quando o cavaleiro se juntou a ele. — Agradeço-vos pela ajuda, estranho. Não contava encontrar um amigo aqui tão perto de Quarzhasaat.

O jovem olhou Elric com alguma simpatia e boa-vontade. Tinha feições de uma surpreendente beleza, com olhos escuros e bem-humorados, e pele de um negro brilhante. Sobre o cabelo curto e encaracolado, usava um solidéu decorado com penas de pavão, e a sua jaqueta e calções pareciam feitos de veludo negro com costuras douradas, sobre os quais pendia uma capa de capuz clara, do género normalmente utilizado naquelas paragens pelos povos do deserto. Aproximou-se lentamente na sua montada bovina e bamboleante, a qual possuía cascos fendidos, uma cabeça larga, e uma pesada bossa por

cima dos ombros, como a que tinham determinadas espécies de gado que Elric vira em pergaminhos sobre o Continente Meridional.

No cinturão do jovem cavaleiro, podia ver um cajoado ricamente trabalhado, com uma pega curva, com cerca de metade da sua altura e, sobre a anca oposta, uma simples espada de punho liso.

— Nem eu esperava encontrar um Imperador de Melni-boné nestas paragens! — retorquiu o jovem, não sem alguma folgança. — Saudações, Príncipe Elric. É uma honra conhecer-vos.

— Não nos conhecemos já? Como sabeis o meu nome?

— Oh, são habilidades bem simples para alguém do meu ofício, Príncipe Elric. Chamo-me Alnac Kreb, e estou a caminho do oásis a que chamam Flor de Prata. Voltamos para o vosso acampamento e cavalo? Folgo em vos comunicar que também ele saiu ileso. Que inimigos poderosos deveis ter, para enviarem tão repugnante demónio contra vós! Haveis porventura ofendido os Feiticeiros Aventureiros de Quarzhasaat?

— Assim parece. — Elric caminhou lado a lado com o recém-chegado enquanto percorreram o caminho de regresso à Estrada Encarnada. — Estou-vos grato, Mestre Alnac Kreb. Sem a vossa ajuda, teria sido absorvido, corpo e alma, por aquela criatura, e estaria agora a caminho do inferno que a pariu. Mas devo advertir-vos, existe o perigo de que volte a ser atacado por aqueles que a enviaram.

— Não me parece, Príncipe Elric. Estavam, sem dúvida, confiantes do seu sucesso e, o que é mais, não quiseram mais nada a ver convosco, assim que se aperceberam que não éreis um comum mortal. Vi um grupo deles, nada menos que de três seitas distintas daquela desagradável guilda, a cavalgar de regresso a Quarzhasaat há pouco menos de uma hora. Curioso quanto ao que os teria posto em fuga, vim por aqui. E assim vos encontrei. Folgo em vos ter sido de alguma utilidade.

— Também eu me dirijo ao Oásis da Flor de Prata, embora não saiba o que lá me espera. — Elric tinha simpatizado bastante com o jovem. — Gostaria de contar com a vossa companhia na viagem.

— Seria uma honra, senhor. Uma honra! — Sorrindo, Alnac Kreb desmontou do seu estranho animal e prendeu-o

junto do cavalo de Elric, que ainda não recuperara do susto, embora se mostrasse já mais calmo.

— Não vou pedir que vos esforceis mais esta noite, senhor — acrescentou Elric — mas estou extremamente curioso por saber como me descobristes o nome e a raça. Mencionastes uma habilidade do vosso ofício. Poderei inquirir que ofício é esse?

— Ora, senhor — disse Alnac Kreb, sacudindo areia dos calções de veludo — pensei que tivésseis adivinhado. Sou um ladrão-de-sonhos.